



Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais
Área de Concentração em Antropologia

**FOLIA DE SÃO BENEDITO: UM ESTUDO DE MUDANÇA EM UMA
MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA NA COMUNIDADE DO SILÊNCIO DO MATÁ.**

Daniel Hudson Carvalho Vieira

BELÉM
2008

DANIEL HUDSON CARVALHO VIEIRA

**FOLIA DE SÃO BENEDITO: UM ESTUDO DE MUDANÇA EM UMA
MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA NA COMUNIDADE DO SILÊNCIO DO MATÁ.**

*Dissertação apresentada ao
Mestrado do Programa de Pós –
Graduação em Ciências Sociais,
com área de concentração em
Antropologia, Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas, Universidade
Federal do Pará sob orientação da
Profª. Drª. Lourdes Gonçalves
Furtado.*

BELÉM
2008

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

Vieira, Daniel Hudson Carvalho

Folia de São Benedito: um estudo de mudança em uma manifestação religiosa na comunidade do Silêncio do Matá - Óbidos (PA) / Daniel Hudson Carvalho Vieira ; orientadora, Lourdes Gonçalves Furtado. - 2008

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2008.

1. Religião e cultura - Óbidos (PA). 2. Festas religiosas - Óbidos (PA). 3. Cultura popular. I. Título.

CDD - 22. ed. 306.6098115

DANIEL HUDSON CARVALHO VIEIRA

**FOLIA DE SÃO BENEDITO: UM ESTUDO DE MUDANÇA EM UMA
MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA NA COMUNIDADE DO SILÊNCIO DO MATÁ.**

*Dissertação apresentada ao
Mestrado do Programa de Pós –
Graduação em Ciências Sociais,
com área de concentração em
Antropologia, Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas, Universidade
Federal do Pará sob orientação da
Prof^a. Dr^a. Lourdes Gonçalves
Furtado.*

Este exemplar corresponde à dissertação defendida e avaliada pela Comissão Julgadora em ____ de outubro de 2008 _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Lourdes Gonçalves Furtado (Orientadora)
Museu Paraense Emílio Goeldi

Prof. Dr. Raymundo Heraldo Maués (examinador interno)
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Antonio Maurício Dias da Costa (examinador externo)
Universidade do Estado do Pará

Prof^a. Dr^a. Maria Angélica Motta-Maués (Examinador Suplente)
Universidade Federal do Pará

Belém
2008

À Ester de Jesus Carvalho

*“O meu partir é certo
De eu morrer certo será.
A morte é certa
Minha vida o sentirá”*

Despedida da Casa – Adeus.

AGRADECIMENTOS

A toda comunidade obidense pela força e incentivo durante meu trabalho de campo, em especial a minha família que ali reside.

Meu agradecimento ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica do Museu Emílio Goeldi e CAPES pela bolsa durante o mestrado.

Aos moradores das comunidades de Óbidos onde se desenvolvem as Folias, em especial a comunidade do Silêncio do Matá.

A meu amigo Ronaldo que contribui diretamente pela minha vida acadêmica e ao meu irmão Klinger pela força e orientação, em especial a Rose minha companheira.

A meu amigo Carlito pela hospitalidade e paciência.

A família RENAS, o qual tive oportunidade de conviver com pessoas excepcionais como Petrônio, Luis, Adriana, Graça, Helena, Ivete, Alice, Elida, Aninha, Edílson, Alexandre, João e Leila a essas pessoas a minha gratidão pelo apoio e amizade recebido.

A Isolda Maciel da Silveira e professor Antonio Maria pelas orientações e pelas conversas proveitosas, meu muito obrigado.

Aos meus amigos da universidade Mauro, Kátia, Ricardo, Jorge, Fabrício, Manuella, Bruno, Michiko, Dorotéia, Sônia, Michelly, Raquel e em especial ao André, grande amigo obrigado por tudo. Minha profunda gratidão a Marcos Jerson, pelo trabalho com as partituras, muito obrigado.

“Aos mestres com carinho”, muito obrigado professores, Diana, Mônica, Denise Cardoso, à professora Angélica pela sua grande generosidade, obrigado professor Heraldo.

Muito obrigado Paulo e Rosângela, por tudo, principalmente pela paciência.

Meu profundo e sincero agradecimento a Doutora Lourdes, pela sua paciência e amizade, saiba que sem a sua ajuda nada disso seria possível, portanto sou grato por tudo que a senhora fez por mim, principalmente nesses últimos meses, muito obrigado, e a senhora sabe que pode contar com esse *caboco*.

RESUMO

A presente dissertação é um estudo de mudança estrutural dentro de uma manifestação de cunho religioso denominado Folia de São Benedito, expressão esta que possui características do catolicismo popular, tendo sua ocorrência na comunidade do Silêncio do Matá, município de Óbidos, estado do Pará. Através da experiência de campo do autor, para elaboração de sua etnografia, foi constatado que as mudanças ocorridas na Folia são impostas por forças exógenas e orquestrada pelos nativos dessa comunidade, dando uma conotação de resignificação para esse evento.

PALAVRAS CHAVE – Folia de São Benedito. Catolicismo popular. Mudança estrutural. Resignificação.

ABSTRACT

This study deals with structural changes associated with religious manifestations, in particular one known as the Folia de São Benedito, held in Silêncio do Matá, a community of Obidos, in Pará. It is shown here that Folia de São Benedito exhibits classic properties of popular Catholicism. However, based on actual observations, it is argued that the changes observed in this particular Folia is not only driven by exogenous factors, but also orchestrated by community members, yielding a connotative application of its original meaning.

KEY WORD – Folia de São Benedito. Popular catholicism. Structural change. Meaning change.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	v
EPÍGRAFE.....	vi
AGRADECIMENTOS.....	vii
RESUMO / ABSTRACT.....	viii
LISTAS DE FIGURAS.....	x
CAPÍTULO I: DO ENCANTO À PESQUISA: A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	11
CAPÍTULO II: PRESSUPOSTO PARA PENSAR MUDANÇA.....	25
CAPÍTULO III: A FESTA PARA SÃO BENEDITO.....	34
CAPÍTULO IV: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94
ANEXOS.....	99

LISTAS DE FIGURAS

Figura I: Mapa visualizando o município de Óbidos.....	40
Figura II: Vista da comunidade.....	47
Figura III: Croqui visualizando a comunidade.....	49
Figura IV: Aspecto de uma casa da comunidade e seu terreiro.....	50
Figura V: Carro de boi.....	51
Figura VI: Capela de Nossa Senhora da Conceição.....	53
Figura VII: Momento de Beijar a Imagem.....	58
Figura VIII: Derrubada do Mastro.....	61
Figura IX: Ala com o Primeiro Capitão.....	67
Figura X: A Rainha do Congo.....	71
Figura XI: Os Foliões, durante Esmolação.....	73
Figura XII: Imagem de São Benedito levado por uma mulher.....	76
Figura XIII: Imagem de São Benedito na capela.....	77

CAPÍTULO I

DO ENCANTO À PESQUISA: A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.

Quando iniciei a escrever esse trabalho minha intenção era apresentar logo a metodologia, mostrando como a utilizei durante meu trabalho de campo e como à desenvolvi, mas acredito que esse exercício pode ser visualizada durante minha trajetória nessa pesquisa, onde meu interesse pela antropologia se inicia ainda em Óbidos e aprofunda-se durante minha vida em Belém, para tanto decidi nesse capítulo apresentar além da metodologia, mas também a minha aproximação com a temática, o trabalho de campo e principalmente minha vida desde os tempos em que tinha pretensões em me tornar um calouro do curso em ciências sociais, do qual me serviu muito para complementar minhas pesquisas, assim para não tornar o texto um tanto cansativo resolvi mostrar esse processo em etapas que ilustram como construí meu objeto de estudo e como minha metodologia foi se apresentando para o meu trabalho.

A saída de Óbidos.

No final do ano de 1996, concluí o Curso de Segundo Grau na Escola São José em Óbidos, tinha a clareza que queria fazer antropologia, pois um ano antes tinha participado do Sétimo Encontro Raízes Negras. Nesse Encontro estava presente uma antropóloga que veio de Santa Catarina para participar desse evento, ela estava coletando dados para sua pesquisa. Essa pesquisa foi devidamente apresentado para o público que participava desse encontro, onde eu estava, e essa pesquisadora falou um pouco sobre o seu trabalho e sobre a antropologia, essa foi a primeira vez que ouvi falar sobre antropologia e tinha ficado totalmente encantado com essa profissão, apesar de não saber bem o que era, só sabia que a antropologia tinha me enfeitado.

Já pelo início do ano de 1997, numa tarde de julho, encontrei um amigo chamado Wander Andrade, que estava passando umas férias em Óbidos, conversamos muito a respeito de nossas lembranças de moleque, e perguntei a ele o que estava fazendo na capital, ele me respondeu que tinha

entrado na universidade e que estava no curso de ciências sociais, até então não sabia que a antropologia fazia parte desse curso, ele me falou mais sobre o vestibular e a importância de ter um curso superior, do que o próprio curso, conversa vai e conversa vem já sem ter muito assunto para conversar perguntei o que era o curso de ciências sociais.

Tive uma grata surpresa quando o meu amigo começou a narrar sobre o curso e as ciências sociais principalmente quando ele me falou sobre as ênfases, do qual ouvi a palavra antropologia, a ciência que queria estudar sem saber bem o que era, imediatamente perguntei sobre o meu novo interesse, a antropologia, e ele me explicou como é a ciência antropológica e vislumbrei a minha vida como um acadêmico.

Era o início de tudo, já tinha um objetivo para seguir para a capital e estudar, só não sabia direito o que ia estudar dentro da antropologia, só sabia que era isso que queria, então saí para estudar em Belém

Em Belém “tinha que entrar na Universidade”.

Em Belém a única pessoa que podia fazer para mim a ponte de Óbidos/ Belém, era meu irmão, mas no ano de 1997 ele viajou para Alemanha e ficaria por lá até 2001, isso para mim era um problema, pois sem dinheiro e sem lugar na casa dos estudantes de Óbidos, não tinha onde ficar e foi então que um amigo me ofereceu um lugar para morar, era o quarto dele em um pensionato, a única condição imposta por esse amigo era que eu tinha que fazer um cursinho preparatório para entrar na universidade, pois segundo ele não podia ficar se não entrasse na universidade, foi um incentivo e ao mesmo tempo uma cobrança, viajei então para a capital, assim passei o ano de 1999 estudando em um cursinho, me preparando para o vestibular, do qual fui aprovado na turma de 2000 do curso de ciências sociais da UFPa.

Quando ingressei na universidade no ano de 2000, tinha uma certeza, queria estudar algo relacionado à cidade onde nasci Óbidos, e sem sombra de dúvidas dentro da antropologia, pois o meu interesse pela antropologia foi o principal motivo que me fez sair dessa cidade, a princípio queria estudar alguma coisa relacionada às artes, esse interesse foi por causa da influência

de minha família, já que minha mãe e minha duas irmãs são artesãs e meu irmão artista plástico, mas ironicamente foi esse mesmo irmão que fez mudar meu possível objeto de estudo, isso aconteceu quando ele me questionou sobre o que queria estudar. Ao ver minhas dúvidas, ele sugeriu uma conversa com uma pessoa amiga dele, que trabalha no Museu Emilio Goeldi, mas ele queria que eu tivesse em mãos algo para levar até essa pessoa e discutir uma possível orientação. Foi então que saí em busca de uma temática para estudar, ainda no campo das artes, e num certo dia, ao ouvir no rádio uma música do II Festival de Música Popular Paraense, que falava sobre a vontade de um pescador em querer trabalhar num dia em que era comemorado um santo, contrariando uma norma daquele local, essa narrativa sobre religiosidade me chamou atenção, e o que me veio logo na lembrança foi as Folias de Santo de Óbidos, talvez seja porque eu presenciei, e de certa forma eu vivenciei algumas dessas manifestações em Óbidos. Pensei na Folia como objeto, tinha nesse primeiro momento a vontade de estudar as músicas dessas festas, o seu estilo e forma e principalmente sua relação com o cotidiano de seus membros, minha intenção era enveredar no campo da etnomusicologia e não tinha pensado em direcionar meus esforços para o campo do religioso, mesmo sabendo que tal discussão seria inevitável, enfim o que interessava naquele momento era que já tinha o objeto só faltava o orientador, assim o encontro tão planejado pelo meu irmão tinha tudo para acontecer.

Por véspera desse encontro resolvi perguntar quem era essa pessoa, ele me respondeu de uma maneira calma e tranqüila, Lourdes, e eu retruquei, Furtado? Mais tranqüilo ainda e à vontade ele respondeu, sim. Eu já conhecia primeiro quando ela esteve em Óbidos para fazer seu trabalho de campo durante seu doutorado, e é claro dentro da academia, aí me dei conta da responsabilidade e confesso pensei em desistir, mas me enchi de coragem e resolvi ir ao encontro de minha possível orientadora.

Quando fomos para o Museu procurar a Lourdes, meu irmão pediu na portaria para ser anunciado não para falar com ela e sim com outro membro do Projeto RENAS, mas, a primeira pessoa que encontramos no corredor foi justamente a Lourdes, enfim fui apresentado para ela assim como minha

proposta de estudo, conversamos a respeito de minha temática e ela me pediu um projeto escrito sobre meu objeto para eu levar num segundo momento, então parti para a elaboração dessa proposta.

Fiz minha proposta dentro das intenções que mencionei acima, entreguei para a Lourdes sem saber se ela já era minha orientadora, e quando ela me devolveu o meu projeto vi o quanto estava perdido, mas com uma certeza tinha uma temática, logo de início a primeira leitura sugerida por ela, “Santos e visagens” de Eduardo Galvão, já direcionei meu objeto para o campo do religioso e não da etnomusicologia, vi que a música das Folias não podia faltar no trabalho, mas elas não seriam mais o principal objetivo do meu estudo, apesar de achar um elemento importante nessa análise, direcionei totalmente minha temática para o campo do religioso. Não posso deixar de registrar a presença no início dessa pesquisa das ajudas do professor Antonio Maria Santos, assim como posteriormente a colaboração na minha orientação de Isolda Maciel da Silveira, além dos amigos do RENAS, através das conversas na hora do almoço no restaurante de Dona Deuza.

Essa proposta me deu um estágio no referido projeto, o qual passei a desenvolver de maneira efetiva esse tema, tanto para me servir como subsídios para meu Trabalho de Conclusão de Curso, como para concorrer a uma bolsa de Iniciação Científica, nesse sentido a necessidade de dados que dessem aporte para fazer meu projeto se apresentou, e num intervalo de férias e greve da universidade viajei para Óbidos para fazer um levantamento de informações a respeito das Folias desse município. Primeiramente fui ao Museu Integrado de Óbidos, mantido pela ACOB (Associação Cultural de Óbidos), para buscar as primeiras pistas, e o que eu encontrei foi o que serviu de subsídios para esse início, não consegui viajar para as comunidades onde se desenvolvem essas manifestações, e essas informações preliminares sustentou meu projeto para concorrer a bolsa.

O porquê da Folia de São Benedito no Silêncio do Matá.

Em agosto de 2001, ingressei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica¹(PIBIC) do Museu Paraense Emílio Goeldi, no âmbito do Projeto RENAS², onde desenvolvi por dois anos a pesquisa intitulada “A Folia de Santo e sua influência no dia-a-dia dos pescadores do Baixo-Amazonas”, essa temática ficava um tanto ampla para um estudo de um ano, prazo da entrega do primeiro relatório final dessa minha bolsa com possibilidade de renovação para dar continuidade a esse estudo ou desenvolver outro, foi por essa abrangência intencional, pois a minha empolgação de aluno recém ingressado na universidade me levou a essa fantasia e por causa disso tive minha primeira orientação, e talvez a mais importante, sobre metodologia. Vieram os questionamentos de minha orientadora, como fazer um trabalho de campo em comunidades distantes geograficamente umas das outras? Tinha que ter a consciência de que não dispunha de recursos financeiros que pudessem cobrir todas essas despesas, não dispunha de tempo hábil para fazer um trabalho de campo em Óbidos, cidade distante da capital paraense onde estudava, e com isso o acesso a essa cidade torna-se dispendioso, e finalmente a análise de dados de seis comunidades onde se desenvolvia essas folias no município de Óbidos, realmente esses percalços poderiam comprometer a veracidade dos dados do meu trabalho e isso não seria honesto de minha parte conduzir essa pesquisa do jeito que estava, foi então que minha orientadora me sugeriu, um recorte metodológico para chegar a uma Folia para dedicar meus esforços condizentes a minha realidade de estudante principiante, ainda lembro do que ela disse de minha empolgação, “*vai com calma, uma Folia pode dar muito pano para as mangas, e te levar a uma possível pós-graduação*”, e foi que aconteceu. Mas como escolher uma única Folia?

Primeiro verifiquei a frequência de apresentações dessas folias e a Folia de São Benedito, na comunidade do Silêncio do Matá, era a Folia que tinha nos últimos cinco anos a maior frequência de suas apresentações, nesse espaço ela havia se apresentado regularmente nos meses de suas festividades

¹ Com o projeto intitulado, “A Folia de Santo e sua influência no dia-a-dia dos pescadores do Baixo Amazonas”.

² Projeto Populações Tradicionais Haliêuticas – Impactos Antropicos, Uso e Gestão da Biodiversidade em Comunidades Ribeirinhas e Costeiras da Amazônia Brasileira, em sua Fase III.

todos os anos. Em segundo lugar as produções a respeito das Folias, essa era a Folia que tinha maior número de dados no arquivo do museu de Óbidos e isso naquele momento com certeza ajudaria, e finalmente em terceiro a proximidade geográfica da comunidade com a sede do município, facilitador da locomoção e isso conseqüentemente ajudaria no meu gerenciamento de tempo. Portanto, para fazer esse recorte e chegar a Folia de São Benedito na comunidade do Silêncio do Matá, usei simplesmente como critério a praticidade para desenvolver uma pesquisa em tempo hábil e cumprir as atividades de uma bolsa.

A primeira viagem de campo.

Em agosto de 2001, viajei para Óbidos com intuito de fazer meu primeiro trabalho de campo para esta pesquisa do PIBIC, na comunidade do Silêncio do Matá, esse mês é quando se desenvolve as festividades da Folia de São Benedito. O primeiro contato foi com o diretor da escola desse local, o senhor Dorivaldo, ele me apresentou ao agente de saúde da comunidade o senhor Carlos Caetano, popularmente conhecido como Carlito, o qual me acompanhou e hospedou durante toda minha estada nesse local, esse senhor me apresentou literalmente para todos os moradores dessa comunidade, ele organizou uma reunião para fazer essa apresentação e isso acabou se transformando em um evento social para os moradores do Silêncio, eu me apresentei e disse o que pretendia fazer naquela comunidade.

Havia planejado como primeira atividade identificar pessoas que poderiam ser meus colaboradores para a pesquisa, eu queria fazer essa seleção através de uma prévia conversa informal com os moradores mais antigos dessa localidade, como segundo atividade pretendia traçar a rota da Folia durante a Esmolação, para tanto tinha que perguntar diretamente para algum membro da Folia sobre esse trajeto e o Carlito se apresentou como a pessoa ideal, pois ele é membro da Folia, é dele a responsabilidade de tocar o violão, quando conversava sobre o trajeto da Folia, ele me confirmou uma notícia nada agradável, pelo menos para mim, naquele momento, a Folia de São Benedito não se apresentaria naquele ano, pois a esposa de um dos

membros da Folia havia falecido recentemente e por isso a festa a São Benedito não iria ser feita. Fui para a comunidade sabendo disso, mas quem me passou essa informação não tinha precisão desse fato, não podia fazer nada, pois estava na comunidade e não poderia perder essa oportunidade de fazer minha pesquisa de campo.

Logo que tive a confirmação dessa notícia fiquei desorientado. Tive que voltar para o meu plano de trabalho e estudá-lo para fazer as atividades que poderiam ser desenvolvidas nesse momento, mesmo porque seria de minha parte inconseqüência deixar tudo e voltar para Óbidos. Prossegui meu trabalho e quando estava desenvolvendo as atividades que considerei possíveis ser feitas, tive outra surpresa, a apresentação da Folia de São Benedito no Festival Folclórico de Óbidos. Nesse mesmo mês na sede do município acontece o Festival Folclórico de Óbidos, festival organizado pela Prefeitura local, as atrações são nesse festival eram as encenações de lendas e mitos relacionadas à cidade ou mesmo ao município, essas encenações ficavam a cargo das escolas da rede de ensino estadual e municipal, e apresentações de grupos para-folclóricos da cidade, mas nesse ano o festival teve uma “inovação”³ que iria chamar a minha atenção.

O festival tinha como novidade a disputa das Cobras Honorato e Caninana, essa disputa consistia na apresentação de dois grupos um chamado de Lendários da Amazônia tinha a Cobra Honorato como seu principal tema, ou seja, deveria desenvolver dentro de um modelo performático e narrativo a história dessa cobra, assim como sua rival deveria ter a mesma desenvoltura, mas representando a Cobra Caninana, essa apresentação ficaria a cargo do grupo Serra da Escama. Esse modelo de apresentação segue os moldes do festival de Parintins, a qual acontece à disputa entre dois bois o Garantido e o Caprichoso. O que me surpreendeu de tudo isso foi a abertura das apresentações que ficou a cargo das folias de santo desse município, isso me chamou atenção, pois a Folia de São Benedito que estava no mês de sua festividade e seus organizadores resolveram não se apresentar por causa do

³ Esse termo é reproduzido da entrevista da secretaria de cultura do município concedida a mim.

falecimento da esposa de um dos membros dessa Folia e mesmo assim acabaram se apresentando nesse festival.

Então por que fazer uma apresentação na cidade em um festival folclórico e não fazer a Folia dentro da comunidade em sua totalidade como uma festa religiosa?

Foi essa a primeira pergunta que me fiz, tinha em mãos uma questão que poderia mudar totalmente minhas reflexões a respeito dessa manifestação, pois estava investigando a influência dessa festa no cotidiano dos moradores desse local, de repente me deparo com uma situação totalmente diferente, e isso me fez concluir que a Folia de São Benedito estava passando por um processo de mudança imposta por forças exógenas, pois tinha sido a prefeitura do município que “convidou” a Folia para fazer uma representação na cidade e em um festival folclórico, ou seja, a minha reflexão era: “a Folia esta deixando de ser uma festa religiosa para ser um folguedo, uma tradição, um folclore”, isso se apresentou como uma hipótese a ser comprovada e me acompanhou durante muitos anos, e acabou se desdobrando em uma proposta de pesquisa para o mestrado.

Após essa viagem de campo realizei duas outras viagens para essa comunidade, nos anos de 2002 e 2003, a primeira foi no final de janeiro, e fiquei por volta de duas semanas na comunidade, não podia viajar no mês dos festejos para o Santo, pois tinha que apresentar meu relatório final, da segunda fase da bolsa de Iniciação Científica, em julho desse mesmo ano. Minhas atividades foram fazer registros fonográficos e visuais, levantar informações a respeito da comunidade do ponto de vista social, econômico e histórico, nessa viagem consegui cumprir, o que tinha planejado.

A viagem de 2003 será descrita posteriormente nessa dissertação, pois ela que vai me dar aporte para apontar a mudança na Folia de São Benedito, haja vista que nesse campo presenciei a Folia dentro do seu contexto.

A viagem de campo para o mestrado.

Já no mestrado elaborei um cronograma, marcando minha viagem de campo para julho de 2007, haja vista que tinha que cumprir as disciplinas que o curso exige, pois ficaria impossível viajar no ano de 2006, para fazer meu trabalho de campo, assim elaborei um plano de trabalho para desempenhar com êxito os objetivos do projeto.

Cheguei a Óbidos no dia 29 de julho 2007. No primeiro dia de estada na cidade fui atrás de meus contatos do Silêncio. Procurei o diretor da escola, e fiquei sabendo que ele não trabalhava mais na comunidade, então fui atrás do meu principal contato, o Carlito. Pedi para uma pessoa que tem um barco que faz viagens para a comunidade que o avisasse que estava na cidade e se poderia passar uns dias na sua residência na comunidade, como sempre ele respondeu positivamente o meu pedido, e então parti para a comunidade do Silêncio do Matá, onde permaneci por três semanas, direta.

Ao chegar à comunidade tive novamente a infeliz surpresa de saber que não haveria os festejos para o Santo, desta vez fiquei mais preocupado, pois estava no final do curso do mestrado e essa era a única oportunidade que tinha para fazer meu trabalho de campo, eu não teria outra data para voltar, tinha que ser naquele momento. Desta vez o motivo da não realização da festa estava na falta de dinheiro para custear as despesas da Folia. Segundo o Carlito eles não haviam angariado dinheiro suficiente para fazer a festa. Sendo assim, não me restava nada a fazer do que iniciar minhas entrevistas. Dentro do meu plano de trabalho estava previsto entrevistas com moradores envolvidos na festa, além da observação participante, mas numa conversa informal com uma dos meus colaboradores ouvi uma frase que me chamou atenção e que se apresentou como uma estratégia metodológica que poderia ser eficaz para montar minha etnografia.

Estava eu tomando um cafezinho na casa de uma colaboradora, quando ouço dessa senhora a seguinte frase, *“hoje tá muito mudado, nunca essa festa foi assim, tão bagunçado, antigamente era diferente tinha respeito,*

não era assim”, entendi que o que ela estava falando para mim era talvez um pedido de desculpas, por eu ter ido até lá e não ter acontecido a festa, não sei se era isso que ela queria dizer, mas pela sua conotação transparecia isso. Logo depois eu parei e refleti um pouco e perguntei para ela, como era antigamente. Eu passei quase uma tarde ouvindo as lembranças dela e foi que me dei conta que podia fazer minha etnografia baseado na memória das pessoas desse lugar, apesar de ter colocado no meu plano de trabalho o recurso da técnica de entrevistas com os moradores antigos da comunidade, para apontar as mudanças na Folia, mas nada de explorar a fundo essas lembranças, assim a primeira coisa que fiz foi delimitar pessoas que pudessem ser meus colaboradores, procurei saber quem eram os moradores que a mais tempo participavam da folia dentro da comunidade, depois elaborei uma pergunta para fazer a eles. “Como era a Folia de São Benedito antigamente?”, foi com essa pergunta aberta, que iniciava minhas conversas, do qual deixava os meus colaboradores à vontade para falar, minha estratégia era ouvir o máximo possível.

No segundo momento tinha que buscar referências que me dessem aporte para essa metodologia, pois não tinha a intenção de trabalhar com essa metodologia, então tinha a convicção de que podia estar enveredando em um caminho que podia ser tenebroso, lembrei de um livro dado em sala de aula, que tive a incumbência de apresentá-lo num seminário, e me chamou muita atenção de como a autora tinha construído sua metodologia para dar conta de uma realidade pretérita, que essa autora queria construir, trata-se da tese de doutorado de Mariana Ciavatta Pantoja, com o título de “Os Milton: cem anos de história nos seringais”, essa referência se tornou fundamental para a construção de minha metodologia.

A autora tem como objetivo inicial de sua tese, discutir a partir dos Milton relações possíveis entre trajetórias individuais, estratégias familiares e mudanças históricas, nesse sentido surge a questão da viabilização de reconstruir períodos históricos partindo de biografias individuais, ou seja, compreender a experiência coletiva enfatizando a singularidade e os pequenos eventos da vida social, nesse sentido, isso se apresenta como uma

necessidade metodológica e aos poucos a autora foi percebendo que mais do que lidar com oposições e dicotomias conceituais, surgia o interesse em, a partir da história de uma família encontrar uma certa liberdade subjetiva e uma certa singularidade da experiência daquelas pessoas, ela queria escrever uma história que não fosse dado *a priori*, mas que deixasse espaço para a liberdade do sujeito na sua relação com as determinações sociais, para tanto a autora necessitaria travar um diálogo com historiadores e antropólogos. Primeiro os historiadores esses mostraram que era possível dialogar com toda uma época a partir da compreensão de histórias individuais, primeiro enfatizando o indivíduo no seu pertencimento social, que mesmo a singularidade tem contornos culturais de seu tempo muito claro, mas por outro lado ela mostra também, que o processo histórico tem ressonâncias individuais, se as pessoas estão em voltas em configurações sociais, não é menos verdade que o fazem com trajetórias de vida particulares.

Já com os antropólogos, mostraram a possibilidade da relevância de um estudo de caso, para história mais geral de um segmento, além da possibilidade do trabalho com depoentes individuais como registro de diferentes visões sobre um mesmo tema ou acontecimento, tratando-os como interpretações individuais de experiências sociais, e por fim a análise de que as condições históricas e sociais estão presentes, mas não como determinação última, elas criam possibilidades a partir das quais pessoas concretas, com histórias de vida e projetos próprios, farão escolha.

Ao contrário de Pantoja, não estava fazendo, e nem tinha como, um estudo de história de vida dos membros da Folia de São Benedito, e principalmente não estou fazendo um estudo sobre “a memória” desse povo e sim usei “a memória” como técnica metodológica, pois não dispunha de tempo hábil para outra viagem de campo, portanto meu interesse nesse trabalho está nas técnicas e o tratamento dado pela autora a seu material de campo que me proporcionaram, uma operacionalização do meu trabalho de campo. Depois de fazer essa breve inserção no trabalho dessa autora, pontuarei agora as estratégias criadas por ela, das quais me apropriei para essa dissertação.

Pantoja propõe que seu trabalho seja dialógico e polifônico, ou seja, ela se propôs em dar voz para seus colaboradores sem omitir a sua de pesquisador, assim como ela, faço a mesma proposta, não só por não abrir mão de autor, como também por ser natural do município de Óbidos onde está localizada a comunidade do Silêncio do Matá, ou seja, trabalharei também com minha memória de neto de participante de Folias, morador da cidade onde por varias vezes quando criança presenciei as Folias esmolando na cidade e também por ter presenciado essa Folia dentro da comunidade no ano de 2003, assim abro um espaço para eu mesmo, fazendo-me presente às vezes contextualizando o que eles dizem, problematizando temas ou questões pertinentes, ou mesmo manifestando discordância. Vários autores alertam os pesquisadores que trabalham com a memória de um determinado grupo, para com suas metodologias sempre usar o bom senso para conduzir as pesquisas dentro desse campo, entendo que comigo não poderia ser diferente, então o manejo de instrumentos, tais como gravador, caderno e maquina fotográfica tinham que ser de maneira que não pudessem constranger o colaborador, e que também não pudessem ser desfavorável ao pesquisador, por tanto tomei o cuidado de conduzir minhas entrevistas em diferentes situações para deixar o interlocutor à vontade, assim como já havia citado anteriormente, deixava o colaborador falar, é importante destacar que as entrevistas foram feitas, individualmente ou propositalmente em grupos de poucas pessoas, para que, se preciso, o depoente pedisse ajuda para lembrar de algo pelos presentes. Assim como nas entrevistas de Pantoja e nas minhas, essas não registram uma memória espontânea, isso porque, sempre recordamos motivados por alguma associação, seja por imagem, emoção, o que é lembrado, nesse sentido *“os pesos diferentes que a elaboração grupal pode ter sobre a memória construída, reforçam ou eliminam lembranças. O grupo de convívio da pessoa teria então papel determinante no reforço ou esquecimento do que é recordado”* (Pantoja, 2004, p. 57), mas quem recorda trabalha as lembranças coletivas e fazendo isso às individualiza, na ação e forma de recordar são para o recordador significativo.

E finalmente o tratamento dado às entrevista para elaboração da escrita do trabalho, primeiramente as datas, a cronologia desse trabalho não

está seguindo um caminho cronológico linear e factual, mas uma seqüência de momentos e fases que foram contadas pelos meus colaboradores, as entrevistas foram todas confrontadas e comparadas, umas com as outras e as informações com paridades serviram de aporte para esse texto, as informações com singularidades de forma alguma foram descartadas, só não foram usadas no texto de forma diretamente, mas sim nas minhas reflexões, do qual indiretamente aparecem aqui, essas cronologias encontra ressonâncias no que Pantoja fala sobre passado compartilhado, ao descrever narrativas de duas pessoas que moravam em diferentes colocações, mas com o território maior e com as redes de relações sociais comum, do mesmo modo posso aplicar as narrativas de diferentes colaboradores em diferentes fases em diferentes momentos, mas que compartilham do mesmo passado, assim compus minha metodologia.

A estrutura da dissertação.

Antes de apresentar os capítulos dessa dissertação chamo atenção do leitor desse trabalho para as fotografias, elas passaram por um tratamento especial, de um programam de informática para terem aspectos de fotografias antigas, mesmo sendo contemporâneas, fiz essa escolha justificada em uma metáfora criada pelo autor, para aludir a um passado guardado na memória das pessoas, restituído através de uma instigação visual, assim como as pessoas tem quando estão em frente a uma imagem antiga do qual fizeram parte, somente nos anexos que elas estarão sem nenhuma intervenção, aludindo o atual momento.

Após o capítulo introdutório, passo para o capítulo II que tratará de meus esforços epistemológicos, primeiramente faço um apanhado das principais referências bibliográficas que nortearam minha pesquisa desde o período em que era aluno de iniciação científica até agora, para passar à minha visão de mudança e como tento estabelecer um diálogo com autores da antropologia para operar essa categoria, mostro também em que aspecto estudo a mudança e como iniciou essa mudança e apresento esse evento inicial.

No capítulo III, faço a etnografia propriamente dita, começo com a localização histórica e geográfica do município de Óbidos, passo para apresentação das folias dentro desse município, faço a localização da comunidade e apresento a Folia de São Benedito dentro da Comunidade do Silêncio do Matá, seu desenvolvimento, iniciando com a Esmolação até a Festa de Ramada, os membros dessa manifestação, suas respectivas funções e a simbologia dos elementos da folia.

No capítulo IV, dedico todas as minhas considerações finais e futuras, apresento em que aspectos a folia mudou, relato também uma viagem que fiz para a comunidade e presenciei a folia, trago nesse capítulo minhas sugestões de trabalho futuros e indagações a respeito da conclusão dessa pesquisa.

CAPÍTULO II

PRESSUPOSTO PARA PENSAR MUDANÇA

Nesse capítulo apresento os autores que iluminaram minhas reflexões sobre as categorias que abordarei nesse trabalho, antes faço um apanhado de todas as principais referências trabalhadas por mim durante o processo de elaboração dessa dissertação, que vai desde os tempos de iniciação científica até o presente.

O primeiro e mais importante trabalho que li, tratando da temática que eu estou estudando, foi à obra de Eduardo Galvão, intitulada “Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas”, esse trabalho me proporcionou a primeira inserção, aos trabalhos de religiosidade na região da Amazônia, foi esse trabalho que mostrou possibilidades de estudo de uma manifestação, que para mim era tão familiar, posso dizer que esse é a minha principal referência dentro desse campo, após ter feito um contato com uma leitura dentro da temática da religião, passei então a buscar referências que me dessem conhecimentos da minha área de estudo, no caso o Baixo Amazonas, as relações sociais, a paisagem dessa área, enfim o maior número possível de informação e vi no livro “Os pescadores do Rio Amazonas” de Lourdes Gonçalves Furtado uma fonte de informações importantíssima.

Posteriormente busquei trabalhos de antropólogos que trabalhassem dentro do tema da religião, e inevitavelmente tive que ir aos clássicos, entre eles os que mais me ajudou, tanto para minha metodologia como para meu pensamento foi o trabalho de Bronislaw Malinowski, com “Argonautas do Pacífico Ocidental”, entendo também que a principal importância desses trabalhos, foi a minha incursão no pensamento de pesquisadores do século passado, o que me fez atentar para reflexões que já vinham sendo trabalhada pela antropologia, e conhecer a sistematização desses pensamentos para o avanço do pensar antropológico. Dos clássicos também devo ressaltar a importância de “Os ritos de passagem”, de Arnold Van Gennep, livro que foi grande importância, essa obra me possibilitou a reflexão dos rituais não só atrelado a religiosidade.

Já buscando referências mais atuais dentro do campo dos estudos da religiosidade, destaco o trabalho de Isidoro Alves “O carnaval devoto” e Raymundo Heraldo Maués com o seu “Padres, Santos e Festas”, o primeiro mostra um estudo sobre religiosidade popular dentro de um contexto urbano, e o segundo também é um estudo sobre a mesma temática, mas dentro de um contexto mais rural amazônico, é essa obra que me fornece categorias de análise para o contexto de minha pesquisa. Finalmente utilizo Marshall Sahlins, como principal referência de aporte do mote dessa pesquisa, que é a mudança, assim minha dissertação foi construída por essas bibliografias e com outras complementares.

Como pensar uma mudança?

No segundo semestre do ano de 2006 foi ofertado para minha turma a disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em Ciências Sociais, e a incumbência de ministrar essas aulas foi da professora Diana Antonaz, uma das atividades dessa disciplina era os seminários de apresentação dos projetos de dissertação apresentados na seleção do mestrado. Ao conversar com essa professora a respeito do meu trabalho eu ouvi uma pergunta que enriquecera minhas reflexões sobre o meu objeto de estudo, foi uma pergunta simples e direta. “Você precisa descobrir para quem é a mudança. Mudança para quem, para o pesquisador ou para os membros da Folia?”

Ao ser questionado sobre essa “mudança”, me deparei com uma questão que ainda não havia atentado para ela, problematizar a categoria “mudança”, pois devo admitir que meu pensamento sobre essa categoria ainda estava preso no meu pensamento de nativo e isso implicava em questões que dificultavam minhas análises, porém com ajuda de orientações de professores, acredito ter encontrado um autor que pudesse me ajudar a operar essa categoria de análise, trata-se de Marshall Sahlins, com o livro “*Ilhas de história*”.

Ao afirmar que a história é ordenada culturalmente de formas diferentes nas diversas sociedades de acordo com os esquemas de significados das coisas, e o inversamente pode ser também correta, os esquemas culturais são ordenados historicamente, pois em maior ou menor grau os significados são reavaliados quando realizados na prática, ou seja, as pessoas organizam seus projetos e dão sentido aos objetos partindo das compreensões preexistentes da ordem cultural, portanto a cultura é historicamente produzida na ação (Sahlins, 2003). Nesse sentido, por outro lado, as circunstâncias do contingente da ação não se conformam necessariamente aos significados que são atribuídos por grupos específicos, mas sabe-se que os homens repensam criativamente seus esquemas convencionais, portanto é aí que a cultura é alterada historicamente na ação, pode-se dizer que isso é uma “transformação estrutural”, porque a alteração de alguns sentidos muda a relação de posição entre categorias culturais, tendo assim uma “mudança sistêmica” (Sahlins, 2003), assim, o processo de mudança segundo minha hipótese encontra ressonância nas análises de Sahlins.

“A síntese desses contrários desdobrava-se nas ações criativas dos sujeitos históricos, ou seja, as pessoas envolvidas. Porque, por um lado as pessoas organizam seus projetos e dão sentido aos objetos partindo das compreensões preexistentes da ordem cultural. Nesses termos, a cultura é historicamente reproduzida na ação. [...] Por outro lado, entretanto, como as circunstâncias contingentes da ação não se conformam necessariamente aos significados que lhes são atribuídos por grupos específicos, sabe-se que os homens criativamente repensam seus esquemas convencionais. É nesses termos que a cultura é alterada historicamente na ação” (Sahlins, 2003. p.7).

Esse autor norte-americano discute as determinações mútuas entre cultura - os esquemas culturais e padrão cultural- e história- prática e ações criativas dos sujeitos históricos- ele mostra que as estruturas de significado estão constantemente sujeitas a mudanças culturais, e essas mudanças ocorrem porque a ação das pessoas e seus modos de interação criam e recriam regras, moldando o que ele chama de “estrutura performativas”, ao contrário das “estruturas prescritivas” que corresponde ao padrão cultural comumente aceito.

As “estruturas performativas” surgem das relações e práticas dos sujeitos em situações históricas concretas e encerram inovações e mudanças, em situações de encontro, e confronto, entre sociedades é possível observar essa dualidade estrutural, por exemplo nas sociedades do pacífico a mudança ocorreram a partir da presença e dominação dos ingleses, mas tinha a contra-argumentação que partia do “modo nativo” de resignificação.

“os homens em seus projetos práticos e em seus arranjos sociais, informados por significados de coisas e de pessoas, submetem as categorias culturais a riscos empíricos. Na medida em que o símbolo é, deste modo, pragmático, o sistema é, no tempo, a síntese da reprodução e da variação” (Sahlins, 2003. p.9).

Nesse sentido entendo que a mudança na Folia de São Benedito é um processo de resignificação, do qual é uma mudança induzida por forças exógenas, mas orquestrado ao modo das pessoas dessa comunidade, ou seja, é errôneo pensar que essa mudança é um abandono de uma prática e aquisição de outra, e sim uma reavaliação de outra.

A Festa Católica

Eduardo Galvão afirma que o homem amazônico em geral é católico, tal afirmação se legitima e se atualiza na cidade de Óbidos. Artur César Reis

ao afirma que “*essa cidade nasceu sob a sombra da cruz dos missionários da Piedade que vieram para converter a massa gentílica*” (Reis, 1979), mostra que o processo de formação dessa cidade não foi diferente de muitas das cidades brasileiras da Amazônia, com a forte presença da Igreja Católica, esse processo deixa na vida do homem um forte legado na suas práticas cotidianas e misturado com as práticas de outras etnias surge uma catolicismo peculiar.

Galvão mostra que a religião católica para a sociedade amazônica, apresenta-se como uma super estrutura, uma ideologia, que se sobrepõe às crenças locais, porém por si só é incapaz de responder a todas as exigências do meio, as entidades visagentas constituem parte tão essencial na vida religiosa do caboclo amazônico, quanta as crenças católicas e respondem as necessidades emocionais condicionadas pelo ambiente e pelo grupamento social. Mas aqui no meu trabalho, ao contrario de Galvão, não faço um estudo da vida religiosa do caboclo dentro de uma amplitude proposta por ele na sua obra, e sim o estudo de um aspecto desse todo, o catolicismo popular, que tange a Folia de Santo.

A Folia⁴ de São Benedito é entendida aqui como uma das expressões do catolicismo popular dentro de suas especificidades locais, e para tanto me apropriado da noção de catolicismo popular usado por Maués (1995).

“Catolicismo popular que é entendida em oposição do catolicismo oficial, isto é, aquele que é professado pela igreja católica como instituição hierárquica estabelecida, que o procura incutir no conjunto da população [...] é o conjunto de crenças e práticas socialmente reconhecidas como

⁴ A folia originou-se na península Ibérica, Segundo Cascudo (1972), Folia “*era na Portugal antigo uma dança rápida ao som do pandeiro ou adufe, acompanhado de cantos, é um grupo de homens, usando símbolos devocionais, acompanhando com cânticos o ciclo do Divino Espírito Santo*”, a folia em Portugal não tinha um caráter precatório como no Brasil informa que nesse país era uma “*espécie de confraria meio sagrado meio profano, instituída para implorar a proteção divina contra pragas e malinas que às vezes infestavam o campo*”, (Cascudo, 1972, p.321), Porto mostra que “*ainda hoje em Portugal existem cortejos e cantorias por ocasião da Festa de Reis. Sobretudo no Minho, Beira-Alta e em Trás-os-Montes*”(Porto, 1982, p. 66¹).

católicas, de que partilham sobre tudo os não especialistas do sagrado, quer pertençam as classes subalternas ou as classes dominantes.” (Maués, 1995. p. 22).

Esse autor afirma também que, “O catolicismo popular dessas populações, não só de Itapuá, mas da região do Salgado, como um todo, e de várias outras áreas da Amazônia já investigadas por pesquisadores, centra-se na crença e no culto dos santos” (Maués, 2005. p. 260), o que vai deixar mais característico a Folia de São Benedito como catolicismo popular.

Essa definição ajuda a pensar numa festa realizada por membros de uma comunidade em que tinham como a principal expressão religiosa um evento de origem católica, absorvido e adequado a sua realidade, a Folia de São Benedito, porém um evento marca o início de um processo, que entendo como uma mudança na Folia.

O I Encontro Raízes Negras

Em 1988 na comunidade do Pacoval, às margens do rio Curuá, município de Alenquer aconteceu um evento chamado Encontro Raízes Negras organizado pela Associação Cultural de Óbidos (ACOB), com apoio do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará (Cedenpa), o intuito desse encontro era organizar a militância sobre as questões negras da região do oeste do Pará e externar possíveis demandas às comunidades sobre políticas para essa região, foi também momento de esclarecer sobre o artigo 68 da nova constituinte promulgada nesse ano.

Esse artigo, entre outros direitos, lhes garante como propriedades suas, as terras na qual residem, mas para tanto deveria existir comprovações que atestasse que são realmente *remanescentes de quilombo*, caso contrário seria incoerente passar o título de terras para comunidades que não tivesse em sua constituição elementos históricos que validasse esse gênese. Nesse

sentido Trindade (2004), mostra como surge a necessidade de uma nova organização política, para a adequação de novas identidades.

“No contexto das comunidades, a organização política tinha que se adequar face às novas identidades. Contemporaneamente as chamadas terras de preto ou comunidades remanescentes de quilombo constituem uma especificidade dentro do campesinato brasileiro e conjugam três elementos: terra, etnia e território. Entende-se que no uso da terra para subsistência, existe uma apropriação simbólica da mesma, constituindo, assim, os territórios negros no Brasil, marcado por histórias e ocupações singulares.” (Trindade, 2004)

Também foram exposta as reivindicações sobre políticas para essas comunidades, tanto no âmbito regional como no estadual, estavam presente representantes dos municípios de Óbidos das comunidades da área da Cabeceira⁵, das comunidades do Arapucu e Flexal, do município de Oriximiná com representantes das comunidades da região das Cachoeiras, e alguns representantes das comunidades dos municípios de Alenquer e Santarém. O que importa para esse trabalho foi a inserção do termo “quilombola” ou mesmo “remanescente de quilombos”, até então desconhecidos por muitos, e entre eles os moradores do Silêncio do Matá. Foi também nesse encontro que surge o interesse de criar a Associação dos Remanescentes de Quilombos de Óbidos (ARQUIMOB).

O contato que esses grupos tiveram entre si, tornou-se importante para entender esse início de mudança, como havia descrito acima para atestar seus direitos de remanescente de escravos, eles precisariam de elementos históricos para comprovar sua origem, além de elementos culturais para

⁵ Localidade constituída pelas comunidades Silêncio do Matá, Apuí, Castanhanduba e Jacaré Puru.

ratificar essa descendência, as comunidades de remanescente de Oriximiná tem o Aiué, uma manifestação de cunho religioso com matriz afro sincretizado com a religião católica, a comunidade do Pacoval, tinha o Marambiré, também manifestação religiosa com matriz africana e sincretizado com a católica, e o Silêncio do Matá?

O Silêncio do Matá, assim como mais cinco comunidades de Óbidos tinham a Folia de Santo como festas de seus padroeiros, a *Folia de São Tomé* na comunidade do Arapucu, *Folia de São João* na comunidade do Flexal, *Folia de Santo Antonio* na comunidade do Mondongo, *Folia de Santa Luzia* na comunidade Costa Fronteira e *Folia de Santa Maria* na comunidade Vila Zita, ou seja, não se podia dizer que essa manifestação era de origem de matriz africana, pois a maioria dessas comunidades não é reconhecida como remanescente de quilombo, a necessidade de comprovação de elementos histórico que ateste sua descendência de africanos escravos acabou por influenciar na Folia de São Benedito, pois a busca da legitimação de uma etnia fez com que os membros dessa Folia absorvesse elementos do Aiué e do Marambiré, manifestações que tem em suas matrizes elementos da cultura negra.

A Folia não era “exótica” e incorpora elementos na sua matriz essencialmente católicos, e isso era visível bastava comparar com as outras Folias, a busca por uma autenticidade fez com que os membros da Folia incorporassem elementos do Aiué, acrescentando uma cantiga chamada Aiué, no desenrolar da festa e buscaram elementos no Marambiré, aliás, o nome de Folia de São Benedito, por muitas pessoas da comunidade passou a ser Marambiré, esse foi inicio do processo, criando assim uma nova tradição⁶ para a Folia de São Benedito.

⁶ A tradição inventada definida por Hobsbawm(1984), é o “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível tenta-se estabelecer continuidade com o passado histórico apropriado” (Hobsbawm,1984, p.9), esse autor mostra que a principal justificativa de estudar, tais tradições está no fato delas serem sintomas importantes, são indicadores de algum problema, e só avançará, além da simples descoberta dessa prática se estiver atrelada a um estudo mais amplo. .

Essa estratégia de identificação está ajustada dentro do que Erving Goffman (1980), chama de identidade do “eu” ou identidade “experimentada”.

“os tipos de identidade [social e pessoal] podem ser mais bem compreendidos se considerados em conjunto e contrastados com o que Erikson e outros chamaram de identidade do ‘eu’ ou identidade ‘experimentada’, ou seja, o sentido subjetivo de sua própria situação e sua própria continuidade e caráter que um indivíduo vem a obter com o resultado de suas várias experiências sociais.

As identidades social e pessoal são parte, antes de mais nada, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão. No caso da identidade pessoal, esses interesses e definições podem surgir antes mesmo de o indivíduo nascer e continuam depois dele haver sido enterrado, existindo, então, em épocas em que o próprio indivíduo não pode ter nenhuma sensação inclusive as sensações de identidade. Por outro lado, a identidade do eu é, sobretudo, uma questão subjetiva e reflexiva que deve necessariamente ser experimentada pelo indivíduo cuja a identidade está em jogo.” (Goffman, 1980, p. 116).

Portanto, um indivíduo constrói a sua imagem a partir do mesmo material do qual as outras pessoas já haviam construído a sua identificação pessoal e social, mas nesses termos ele tem uma considerável liberdade em relação àquilo que elabora de si.

CAPÍTULO III

A FESTA PARA SÃO BENEDITO.

A partir de agora vou fazer a etnográfica sobre a Folia de São Benedito, que ocorre na comunidade do Silêncio do Matá, município de Óbidos. Parto fazendo um breve histórico do município de Óbidos, para depois mostrar as Falias que ocorrem nesse mesmo município, visualizo a comunidade do Silêncio do Matá, e seus moradores para finalmente descrever a Folia de São Benedito.

Óbidos, Pará: Um breve histórico.

A escolha do local para fundação da cidade de Óbidos teve em seu ponto estratégico de defesa da região amazônica, a principal motivação pelos colonizadores portugueses no século XVII, para se estabelecerem nessa região. O lugar escolhido para a fixação foi às margens do rio Amazonas, na parte em que apresenta o maior estreitamento. Tanto a boa localização geográfica como o fato de se desenvolver a catequese no lugar foram os fatores que contribuíram para a fixação da sede naquele local.

Segundo Saragoça (2000), na primeira expedição ao rio Amazonas realizada por Orellana, este observou o ponto de “*angustura*” do rio, notícia dada por Gaspar de Carvajal na *Relacion del descubrimiento del Rio de las Amazonas*. Fato também observado por Pedro Teixeira, em 1637, e seu piloto-mor Bento da Costa. Assim, ouvido o relato dos expedicionários, o jesuíta Alonso de Rojas escreveu:

“O piloto-mor, principal descobridor deste rio, diz que convém muito que S.M. mande edificar no lugar estreito, já

assinalado, e ponha nele guarnição para impedir a passagem do inimigo holandês, para que não suba o rio e se apodere das suas províncias. Porque como a navegação é sem perigo, manso o rio, abundantes os mantimentos e os índios pouco belicosos, será fácil ao inimigo navegar este rio e aproveitar-se das riquezas e frutos da terra” (Saragoça, 2000, p. 88).

Ao subir o rio Amazonas, em 1697, com destino ao rio Negro, o governador e capitão-general Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho verificou ser a margem esquerda muito favorável para a construção de um forte, pois com ele seria mais fácil garantir a hegemonia portuguesa no Amazonas. E entregou a Manoel da Mota e Siqueira a construção do Forte, denominado Forte Pauxis. Não existem registros da data de início da construção, mas sabe-se que as fortalezas construídas no início da ocupação da Amazônia eram edificadas com material natural da região, geralmente, de taipa de pilão. Assim, o forte foi construído com recursos escassos e em 1749 já precisava de reparos (Reis, 1979, p. 19).

A construção do forte pelos militares ocorreu simultaneamente à construção do aldeamento pelos religiosos. Durante o século XVIII, o aldeamento dos Pauxis crescia à medida que chegavam mais índios vindos de “descimentos” realizados pelos frades da região. Assim, na segunda metade do século XVIII já se diferenciavam dois núcleos na cidade, o núcleo dos missionários, chamado oficialmente de aldeinha e o núcleo dos militares, que também mantinham índios para os serviços de caça, pesca, remagem e outros. Em torno da obra, os capuchos da Piedade estabeleceram um aldeamento de índios do rio Trombetas, chamado Pauxis, nome dado também à fortaleza.

A aldeia prosperou e o forte servia para registrar o movimento de embarcações que desciam e subiam o rio, até que em março de 1758, o capitão-general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, ao passar pela aldeia dos Pauxis, erigiu à vila, aumentando-a com mais duas aldeias próximas, com o nome de Óbidos, nome de origem portuguesa, constituindo dessa forma, o Município, tendo como padroeira Senhora Santana. Foi mantida como vila nas sessões do conselho da Província, de 10 a 17 de maio de 1833, porém seu nome foi alterado para Pauxis, assim permanecendo até 1854, quando a Resolução nº25, de 02 de outubro, determinou que fosse chamada novamente Óbidos.

A fortaleza teve as atenções do governo Imperial que mandou reconstruí-la pelo major engenheiro Marcos Ferreira de Sales, que a fez semicircular com dez canhões. Em 1868 fizeram-lhe algumas obras importantes, tais como a construção de plataformas corridas em cantarias de Lisboa, arrecadação de armamento e quartel, ficando fechada por duas cortinas a leste e a oeste.

No ano de 1872 existiam 1200 habitantes e 170 casas; em 1899 existiam 1800 habitantes e 225 casas; e em 1918 existiam 2500 pessoas. A freguesia de Santana de Óbidos, criada em 1758, foi mantida pela lei de 15 de outubro de 1827, e a cidade foi elevada a esta categoria pela lei nº 252, de 02 de outubro de 1854. A adesão de Óbidos ao Regime Republicano ocorreu na sessão de 26 de novembro de 1889 da Câmara Municipal. Entretanto, dentro da nova organização municipal, o Governo Provisório do Pará, pelo Decreto nº 44, de 19 de fevereiro de 1890, extinguiu a Câmara Municipal de Óbidos. No mesmo dia, e pelo Decreto nº 54, criou o Conselho de Intendência Municipal, nomeando para Presidente o tenente-coronel Joaquim José da Silva Meireles (Le Coint,1922).

Entretanto, em 1900, durante o governo do Dr. Paes de Carvalho, dissidências políticas concorreram para a extinção dos municípios de Juruti,

Oriximiná e Quatipuru através da Lei nº 729 de 03 de abril. O território de Oriximiná deveria ser dividido entre os municípios de Faro e Óbidos o que, na realidade, não aconteceu pelo fato de o Município ficar anexado somente a Óbidos.

Em 1906, reconhecida a insuficiência da antiga Fortaleza de Óbidos, nomeou-se uma comissão, aos comandos do então Major Engenheiro Manoel Luiz de Melo Nunes, para tratar da defesa geral do Rio Amazonas, denominada posteriormente de “Defesa Gurjão”, construída em um dos cabeços da Serra da Escama, cerca de 81 metros acima dos níveis médios das águas, a margem esquerda do Rio Amazonas, num setor de 27 metros do canal, ponto mais estreito do referido rio e a enseada formada pelo flanco esquerdo da Serra e a cidade de Óbidos. Trata-se de uma bateria mascarada a céu aberto, com 4 canhões “Armistrong”.

Foi inaugurado o Quartel General Gurjão em 1909, projetado pela Comissão Construtora da Vila Militar da Capital Federal, construído em terreno próprio, um pouco abaixo da Antiga Fortaleza de Óbidos. Ao fim da Segunda guerra mundial, reduziu-se a uma companhia de infantaria, mantendo-se até 1967, ano em que foi extinta toda a ação militar.

Óbidos, como a maioria das cidades ribeirinhas amazônicas, nasce sob a égide de Portugal, surge de uma fortificação denominada Pauxis e de um aldeamento indígena de mesmo nome, *“o significado desse Forte se revestia das três faces que caracterizaram o processo de ocupação humana na Amazônia: a de defesa, economia e religiosidade, que se conectavam para um fim comum: o da soberania portuguesa no norte do Brasil”* (Furtado, 1993, p. 114).

Nesse sentido o Forte exercia sua função militar e também desempenhava atividades de fiscalização das embarcações que passavam

pelo rio Amazonas, além de dar apoio à missão dos frades da Ordem dos Capuchos da Piedade, que foram para catequizar o gentio. Falar da história de Óbidos é reportar para essa gênese, militar, econômica e religiosa, o que acabou por deixar legados desse período na paisagem e cultura dessa região.

A intenção do autor em fazer um breve histórico dessa gênese, nada mais é, do que anunciar ao leitor o legado deixado para a cultura local, dessa ocupação como, as edificações militares que hoje é vista pelos moradores desse local indissociável a paisagem natural dessa região, por exemplo, a Defesa Gurjão, conhecido por eles de *canhões da serra*, e principalmente o legado deixado pelos frades que por ali passaram, introduzindo na população nativa o catolicismo, que no seu afã de catequese adequavam às manifestações do catolicismo popular às manifestações nativas para servir de instrumento de doutrinação. Tanto que, nessa região podemos ver esse legado em Oriximiná e Juruti, com a *Encomendação das Almas*, realizada nesses municípios que tiveram como missionários os mesmo Capucho da Piedade, essa consiste num ritual de cânticos executado por um grupo de rezadores, que ocorre durante a Semana Santa no cemitério e nas residências das sedes dos referidos municípios. A encomendação das Almas compõe-se de *Equipes de Rezadores*, com seis ou sete pessoas, *Vestidas de Branco* e portando *Um Pano Branco* sobre suas cabeças, que se reúnem à meia-noite da *Quarta-feira de Trevas* no *Cruzeiro do Cemitério*. Durante o ritual são realizadas *Orações*, repetidas sete vezes, para saudar as almas, é momento do *Levantamento das Almas*.

As rezas são destinadas para as *almas benditas*, *almas que estão em pecado mortal*, *almas que estão no purgatório*, *almas que estão sobre as ondas do mar*, *almas necessitadas* e *almas que estão em cativo*. A liderança das rezas em forma de ladainha é da pessoa que faz a primeira voz e que recebe dos demais componentes a denominação de *Padre*, apesar de não ter o acompanhamento da igreja católica oficial, essa pessoa leva esse nome. Após a reza no *Cruzeiro* os componentes dos grupos saem pela cidade visitando as casas cujas calçadas existem velas acesas, simbolizando a solicitação da

visita. No início e no fim das rezas é soada uma campainha. Na noite da *Sexta-feira Santa* as equipes rezam em frente à igreja e em seguida, antes da meia-noite, seguem para o cemitério para última sessão de rezas deixando *as almas na necrópole*, é quando se encerra o ritual.

Em Santarém no distrito de Alter do Chão, onde coube aos missionários Jesuítas, a catequese do gentio, podemos ver o *Sairé*. O *Sairé* é uma festa em homenagem ao Divino Espírito Santo, essa festa era uma manifestação de caráter indígena que foi adequada aos moldes de uma Folia de Reis, pelos missionários colonizadores para catequizar os nativos.

A festa se processa em torno da igreja, mas seu desenrolar quase todo é feito dentro do barracão, que é construído especialmente para essa festa, dentro do *Barracão* são cantadas e rezadas as ladainhas em latim em homenagem ao Divino Espírito Santo, representado por uma *Coroa*, antes de entrar no barracão existe a procissão feita após o *Levantamento do Mastro*, e essa procissão é continuada durante todo o período festivo do *Sairé*. O encerramento dessa festa se dá com a *Varição*, é o momento que toda a hierarquia do *Sairé* se reuni no Barracão para passar os objetos sagrados para outras pessoas responsáveis de fazer a festa no ano posterior. Os objetos que contém na celebração do *Sairé*, são o *Sairé*, que é um arco envolto de papel e fitas coloridas, a *Coroa representa o Divino Espírito Santo*, a *Bandeira* com um desenho de uma pomba, ícone do Divino Espírito Santo na religião Católica e o *Bastão dos Mordomos*, é enfeitado com fitas e papeis coloridos. Os personagens dessa festa são a *Sairépora*, responsável por carregar a Coroa, o *Juiz* e a *Juíza* responsáveis por fazer a festa, o *Capitão do Sairé*, responsável pelo bom andamento da festa, os *Mordomos* são os trabalhadores da festa, e tudo acompanhado por um grupo musical chamado de *Espanta – Cão*.

Em Óbidos, na comunidade do Flexal, ainda se vê algumas senhoras tirando *inselências*, ou excelências, que são "*um canto entoado à cabeça dos moribundos ou dos mortos, cerimonial de velório*" (Casculo, 1972, p.252), é

uma reza cantada, a estrofe dessa reza se repete certo número de vezes, chama-se inselência pelo fato de se iniciarem sempre pela palavra "inselência", no primeiro verso. Além dessas manifestações deixadas pelos missionários temos a Folia, o mote desse trabalho, portanto, fazer esse apanhado é olhar para uma história, que teve na sua dinâmica eventos que o deram características peculiares, entre esses está a religiosidade.

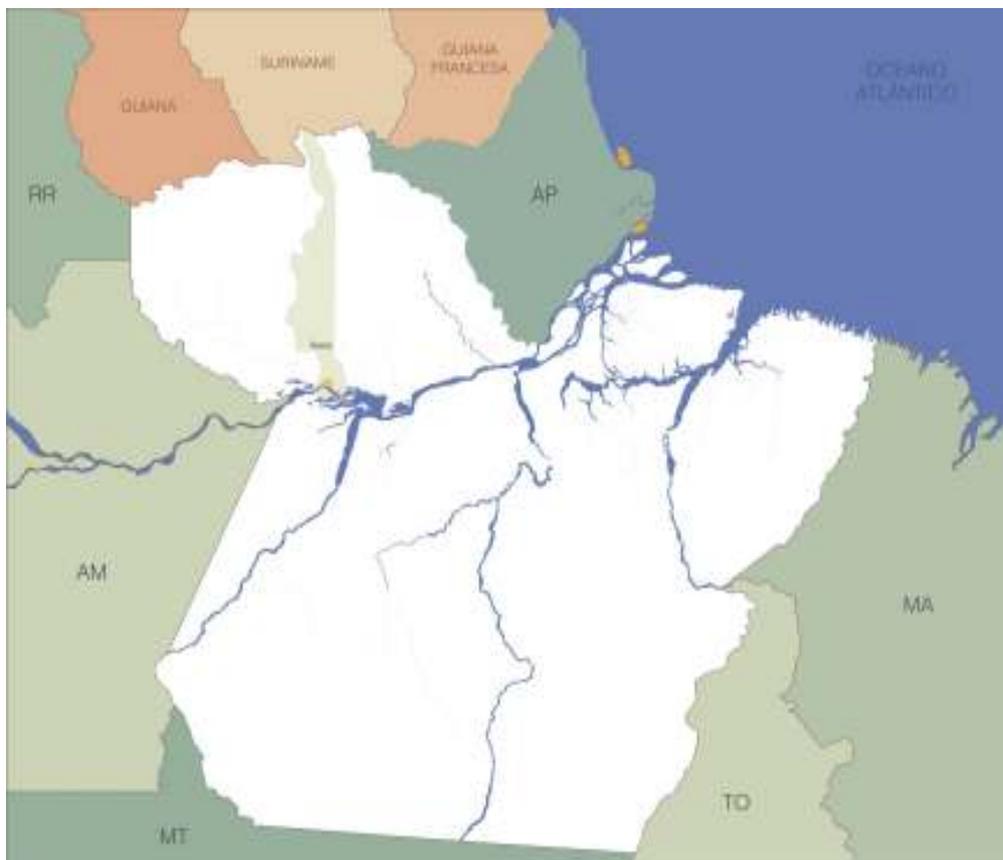


Figura I: Mapa visualizando o município e sua sede.
Fonte: Google Mapas, 2007.

As Folias de Santo dentro do município de Óbidos

As Folias de Santo de Óbidos, na região do Baixo Amazonas⁷ surgem de promessas dos moradores dessa região aos Santos, sendo essas promessas algumas de caráter individuais e outras coletivas, geralmente elas são feitas a um santo em que os moradores fazem analogia de suas dores, com as dores do santo durante sua vida terrena, ou mesmo por homologia do nome do santo com o nome da pessoa precisada da promessa, encontramos nesse município as seguintes Folias.

A Folia de São João na comunidade do Flexal surge de uma promessa da senhora Nair na ocasião do sumiço do seu filho chamado João Carvalho, de seis anos. Essa senhora saiu para trabalhar na sua roça, e sem que ela percebesse seu filho saiu atrás a seguindo, no trajeto para o roçado o menino entrou em um caminho diferente e acabou se perdendo de sua mãe.

Ao perceber a falta da criança, essa senhora acionou a sua vizinhança e começaram a procurar o menino, se estendendo há horas, então um senhor proprietário do cartório dessa comunidade, por ter dentro de sua casa varias imagens de santo, entre elas São João, sugeriu a mãe do menino, para que ela fizesse uma promessa ao santo do mesmo nome da criança, para poder encontrar o garoto. A mãe então fez um pedido a São João, se seu filho fosse encontrado com vida, ela iria homenageá-lo através de uma festa, até que o menino alcançasse idade suficiente para prosseguir essa homenagem durante toda a sua vida. Após a promessa o menino foi encontrado e o proprietário da imagem de São João, vendeu a imagem à mãe do menino, para que ela pudesse pagar sua promessa.

A folia de São João foi cultivada por João Carvalho até a sua morte e hoje é organizado pelo seu filho Marcelino Carvalho, é realizado no mês de junho, e inicia-se com a *Alvorada* seguida da *Reza das Seis Horas* denominada

⁷ Essa área é denominada oficialmente pelo IBGE de Médio Amazonas, mas “preferimos tratá-la aqui por Baixo Amazonas, tal como é referido no discurso da população local”. Furtado (1993).

Canto das Seis, após esse momento é feito um intervalo para se retornar às dezoito horas com *O Levantamento do Mastro*. Depois começam a *Esmolação*⁸ pelas casas da comunidade e vizinhança cantando o *Marabaixo*⁹. Ao chegarem à casa a ser visitada pedem licença ao dono da residência para entrar no recinto, onde a imagem é posta no altar dentro da casa. A partir desse momento começa a *Ladainha*, se caso haja a imagem de um outro santo na casa, os foliões entoam o canto *As Três Marias*, ao término da reza antes de sair a imagem do recinto, é o momento do *Beijai*: os moradores da casa e os presente beijam a imagem de São João, marcando o fim da visita do santo nessa residência. Então é oferecida uma *Refeição* aos membros da folia, não especificamente um almoço ou jantar pode ser uma “merenda”. Após a refeição é também o momento em que é ofertada a oferenda ao santo pelo dono da casa. Constituindo também a hora em que os foliões agradecem cantando o *Agradecimento* e a partir daí a imagem do santo é conduzida pelo proprietário da casa a próxima residência a ser visitada. A imagem não pode sair do recinto carregado por outra pessoa se não o proprietário do lar, é ele que deve passar a imagem para o outro proprietário da residência seguida na esmolação, essa esmolação é feita de quinze a trinta dias antes do dia do santo.

Terminada a esmolação é o momento da *Derrubada do Mastro* acontecendo também às dezoito horas, do dia 24 de junho, iniciando assim a festa de *Ramada*.

Já na comunidade Costa Fronteira realiza-se a **Folia de Santa Luzia**. Essa Folia tem sua gênese através da promessa do senhor Francisco de Souza Nunes, após um acidente com sua primogênita. Certo dia ao voltar de seu trabalho na roça, Francisco pediu para sua filha, chamada Maria Julha, que lhe trouxesse uma lanterna, na ocasião ele trazia debaixo do braço um terçado e sua filha sem perceber ao passar por trás do pai cortou sua pálpebra na ponta do terçado, ao perceber a gravidade do acidente ele se desesperou e fez

⁸ Visitas às casas pelos foliões, para angariar dinheiro ou oferenda para o santo.

⁹ Aqui referido, é a cantoria de procissão.

um pedido a Santa Luzia, protetora dos olhos, se sua filha não perdesse a visão ele daria seu peso em vela para Santa e compraria uma imagem dessa Santa para fazer uma folia, nascia aí a folia de Santa Luzia. Há também outra versão, que esse senhor ao atirar um pedaço de pau atingiu o olho de sua filha, daí o motivo da promessa. Os instrumentos musicais que compõem essa folia são reque-reque, caracaxá, pandeiro, uma caixa grande e uma caixa pequena que são tocadas pelos moradores dessa comunidade. Essa folia é completada com uma bandeira branca e um estandarte.

A **Folia de Santa Maria** na comunidade Vila Zita. Segundo informações colhidas no Museu Integrado de Óbidos através do relato do senhor Raimundo Azevedo neto da fundadora da Folia, surge da promessa feita pela senhora Martinha Azevedo a essa santa. Não se sabe o motivo que a levou a fazer a promessa. Das informações obtidas o fato da escolha da santa justifica-se por ela morar num estabelecimento comercial chamado “Casa Santa Maria”. Essa folia é composta de dez pessoas de ambos os sexos e quem tem a função de mantenedor dessa folia é o senhor Raimundo Azevedo.

Uma peculiaridade dessa folia ocorre durante a esmolação, ao findar do dia, depois de ser feita todas as homenagens à santa, a imagem é colocada dentro de uma caixa, uma espécie de “oratório itinerante”, posto no altar dentro da casa para que a santa possa dormir. Esse altar é feito pelo proprietário do recinto visitado, às vezes quando a viagem é longa a imagem também é posta nessa caixa, com o intuito de preservar a santa da queimadura do sol e do desgaste da viagem, para possibilitar a ela uma viagem tranqüila.

Folia de Santo Antônio na comunidade Mondongo, tem sua origem de uma promessa feita pela família Farias de Moraes a esse Santo, tendo como principal responsável o senhor Martinho Moraes. Posteriormente, seu filho Luís Moraes de Gonzaga deu prosseguimento a essa Folia em seguida seus filhos, assumiram essa responsabilidade. Não se sabe o motivo que levou família a fazer tal promessa para o santo. Essa folia é composta por sete

pessoas do sexo masculino todos vitalícios. Os festejos ao santo inicia-se em maio e termina em 13 de junho, dia do santo segundo o calendário oficial católico. Entretanto por ser no período de enchente do rio Amazonas a referida data foi adiada para o “verão” (agosto), período de seca do rio, sem data fixa.

A Benção da Roça na comunidade do Arapucú. Sabe-se pouco sobre a gênese dessa Benção, mas segundo relato do senhor Francisco Gomes, surgiu de uma promessa feita por uma família da comunidade a São Tomé com intuito de pedir proteção para seus roçados, pois acreditavam, “*quando ele esteve na terra como ser humano, ele se martirizou, ele era um trabalhador braçal, dono de roça*” (Francisco Gomes – Mantenedor da Folia).

Os membros dessa manifestação chamam de folia as músicas cantadas durante o seu desenrolar. Nos meses de novembro e dezembro iniciam-se as queimadas dos roçados para o plantio de mandioca, milho e outros. É nesse período que se realiza a Benção, consistindo na visita dos membros dessa manifestação com a imagem de São Tomé nos roçados dos moradores da comunidade. Saem pela manhã, com a imagem da casa da dona do santo, durante o percurso vão entoando a *Folia da Saída da Romaria*, ao chegar na roça a ser abençoada entoam a *Folia de Chegada na Casa*, a *Benção* começa com uma outra folia chamada de *Canção para Entrada da Ladainha*, ao terminar a *Benção* o dono da roça serve um *Almoço* para os membros, isso se o proprietário da roça tiver condições de servir esse almoço se não os membros da Benção seguem o seu trajeto. Ao chegar o fim do dia, por volta das 18 horas reza-se em forma de canção a *Reza das Seis Horas*, marcando o fim das atividades do grupo durante o dia, resguardando a imagem, no altar feito dentro da casa visitada para passar a noite. No outro dia a romaria continua passando pelas casas que faltam ser visitadas até chegar à casa da dona do santo onde é feito o encerramento com um almoço.

Os componentes dessa Benção são uma mulher que leva a imagem do Santo e outra que leva a bandeira, os instrumentos musicais usados são

uma rabeca, um cavaquinho, uma caixa, um caracaxá e dois reque-reque tocados por moradores da comunidade. O início dessa benção começa no mês de novembro sem um dia específico, e termina no dia 21 de dezembro.

E finalmente a **Folia de São Benedito** na comunidade do Silêncio do Matá. A primeira inserção dessa folia foi através da promessa do senhor Wenceslau. Muitos moradores relatam que essa promessa foi feita para esse Santo de cor, logo após a libertação dos escravos. O pedido era para o santo proteger os então libertos escravos dos “homens brancos”, para que eles não voltassem a sua condição de cativo, muitas informações desse início se perderam com o passar do tempo, sabe-se que após a morte do seu fundador, o senhor Manoel Ribeiro, como primeiro capitão deu prosseguimento à folia de São Benedito, e posteriormente foi seguida pelos senhores Antoniozinho e Antônio Amorim, já na década de cinquenta seu Moreno, substitui seu Antônio Amorim, esse ingressa na Folia, vindo logo a seguir ser o primeiro capitão após a morte do seu Antoniozinho. Seu Moreno permanece a frente da folia até sua morte no ano de 1996, quando o seu irmão Manoel Severiano assume o cargo de primeiro capitão, exercendo essa função até os dias de hoje.

O ingresso na folia de Manoel Severiano dar-se através de uma promessa sua, feita a São Benedito, essa promessa foi feita por volta dos anos oitenta quando ele, estava em Manaus, fazendo um tratamento de saúde de um mal que lhe consumia, esse senhor pediu ao santo que lhe desse saúde e em troca assim que retornasse ao Silêncio do Matá ele daria continuidade a folia, durante toda a sua vida, segundo ele o santo lhe proporcionou sua saúde e assim vem cumprindo sua promessa. Antes de ser primeiro capitão, ele relata que já participava da Folia e mantinha o compromisso de seguir com a Folia, agora que esta a frente da folia seu compromisso foi renovado, o fato de ter feito essa promessa de dar continuidade a Folia foi o principal motivação da sua escolha para exercer essa função vitalícia de primeiro capitão. Na tabela seguinte, podemos ver de forma sintética, os elementos comuns presente nessas Falias do referido município.

Tabela 1: As Folias de Santo de Óbidos.

NOME DA FOLIA	SANTO HOMENAGIADO	PROMESSA	MOTIVO	LOCALIZAÇÃO
Folia de São João.	São João.	Individual.	Homologia do nome do Santo com o nome do necessitado de benesse divina.	Comunidade Flexal.
Folia de Santa Luzia.	Santa Luzia.	Individual.	Analogia da dor do promesseiro com a vida terrena do Santo.	Comunidade Costa Fronteira.
Folia de Santa Maria.	Santa Maria.	Individual.	Desconhecida.	Comunidade Vila Zita.
Folia de Santo Antonio.	Santo Antonio.	Coletiva.	Desconhecido.	Comunidade Mondongo.
Benção da Roça.	São Tomé.	Coletiva.	Proteção aos roçados.	Comunidade Arapucu.
Folia de São Benedito.	São Benedito.	Coletiva.	Analogia do promesseiro com a vida terrena do santo.	Comunidade Silêncio do Matá.

A comunidade do Silêncio do Matá

A comunidade¹⁰ do Silêncio do Matá originou-se de constantes fugas de negros escravos de Óbidos, que recorriam a lugares de difícil acesso ao branco. Os primeiros negros a se instalarem nesse local foram negros da

¹⁰ A noção de comunidade usada aqui é “a unidade territorial e sócio-econômica que tem por centro a cidade de Óbidos. Assim, lugares, povoados, sítios, vilas e paragens, designam os diversos aglomerados que mantêm estreitas relações com esse centro, e se consideram parte integrante da comunidade obidense, embora em sempre coincide com unidade político-administrativa municipal. Portanto, não é a determinação oficial que define o contexto da comunidade, mas a amplitude das relações sociais de caráter mais ou menos estreito, que repona como critério definidor do contexto ‘comunitário’” (Furtado, 1993, p. 111).

família Di Paolo, alojando-se na atual Cabeceira de São Paulo, nome dado a esse local como homenagem da família ao santo do mesmo nome.

O nome Silêncio do Matá é uma leitura dos nativos da situação da área, por ser de difícil acesso e de reserva calma e tranqüila, um verdadeiro silêncio para os habitantes desse local e o nome Matá advém da grande quantidade de quelônios Matamatá (*Chelus fimbriatus*) que existia no local, portanto Silêncio do Matá é uma supressão de silêncio dos matamatás. Hoje esse local divide-se em três áreas distintas, a Cabeceira de São Paulo, o Silêncio do Matá e o Matá de Baixo, hoje os moradores geralmente à chamam somente de Silêncio.



Fig. II: Vista da comunidade.
Foto: Carvalho, D. 2007.

Essa comunidade fica numa planície de inundação chamada de várzea¹¹, tem 1.321 habitantes, distribuídos em 122 domicílios, o grupo doméstico dessa comunidade em geral é constituída de pai, mãe e filho¹², que vivem basicamente, da pesca, agricultura e coleta, são do ponto de vista sócio-econômico, o que Furtado (1993) denomina de “*pescadores polivalentes*”¹³. A pesca na comunidade é o principal meio de reprodução econômica, mesmo durante o exercício de outras atividades sazonais influenciadas pelo fluxo da água do rio Amazonas, dividido em cheia e seca. Durante a cheia do rio Amazonas que vai de novembro até junho o pescado se torna escasso devido ao grande volume de água, o peixe não se concentra em um só lugar, em geral são migradores. Esse processo os leva a se dedicarem com mais freqüência a outra atividade que é a coleta de frutos da época como o açai, a castanha-do-pará e a colheita de milho, feijão e principalmente a mandioca em suas roças. A técnica mais utilizada na pesca nesse período é a malhadeira. No período de seca, sem grande volume de água, os lagos ficam sem saída para os peixes, formando um “viveiro” natural, onde, os peixes se concentram ficando mais fácil à captura do pescado, nesse momento do ano se utiliza freqüentemente a tarrafa como técnica para pesca. Pois “*esta porção da região Amazônica está freqüentemente sujeita a instabilidade causadora de chuvas abundantes, as quais vem marcar a divisão do tempo em duas estações principais do ano: o inverno e o verão amazônicos*” (Furtado, 1993 p 74.), os principais locais de desenvolvimento da pesca acontece nos lagos do Taipua e lago do Cueçé, que devido a uma escassez de peixe ocorrida nesse lago em 1992 os

¹¹ “A planície de inundação – a várzea ou varja, para a população local – apresenta-se modelada pelo sistema de drenagem existente, o qual inclui igarapés, furos, paranás, lagos, que promovem o processo de humificação. [...] a várzea baixa que fica inundada durante parte do ano; corresponde ao tempo de enchente/cheia. [...] Em Óbidos este período começa aproximadamente em dezembro, atingindo seu pique em junho, para logo iniciar a vazante” (Furtado, 1993, p. 71).

¹² Grupo doméstico é essencialmente uma unidade que possui e mantém a casa e está organizado para prover os recursos materiais e culturais para sustentar e criar seus membros (Fortes, 1974).

¹³ “um conjunto de produtores que vivem de uma economia assentada numa diversidade de exploração do meio. [...] polivalentes [...], estes corresponde àqueles que extraem sua subsistência de um conjunto de modalidades econômicas geralmente de caráter sazonal. Nesse conjunto destacam-se: a) os policultores ribeirinhos de várzea ou varjeiros [...], nos intervalos da cheia e da vazante do rio Amazonas e seu respectivo sistema hídrico, estes lavradores pescam para o consumo” (Furtado, 1993, p. 102).

moradores da Região das Cabeceiras¹⁴, resolveram criar o “Acordo do lago”, esse acordo consiste no manejo de exploração do lago por esses moradores dessa região, a forma de manejo encontrada pelos moradores, foi através das técnicas utilizadas na pesca durante a seca, nesse período é proibido pescar com malhadeira no lago, e o uso da pesca só é permitido aos moradores dessa localidade, sendo que a pesca ela é somente para consumo doméstico e não para venda. Os peixes encontrados com mais freqüência nessa região são: “Tambaqui (*Colossoma macropomum*), acari-bodó (*Pterygoplichtys pardalis*), aruaná (*Osteoglossum bicirrhosum*), curimatá (*Prochilodus nigricans*), surubim (*Pseudoplatystoma fasciatum*), branquinha (*Gasterotomus latior*) e pacu (*Mylossoma ssp.*)” (Furtado, 1993, p. 153).

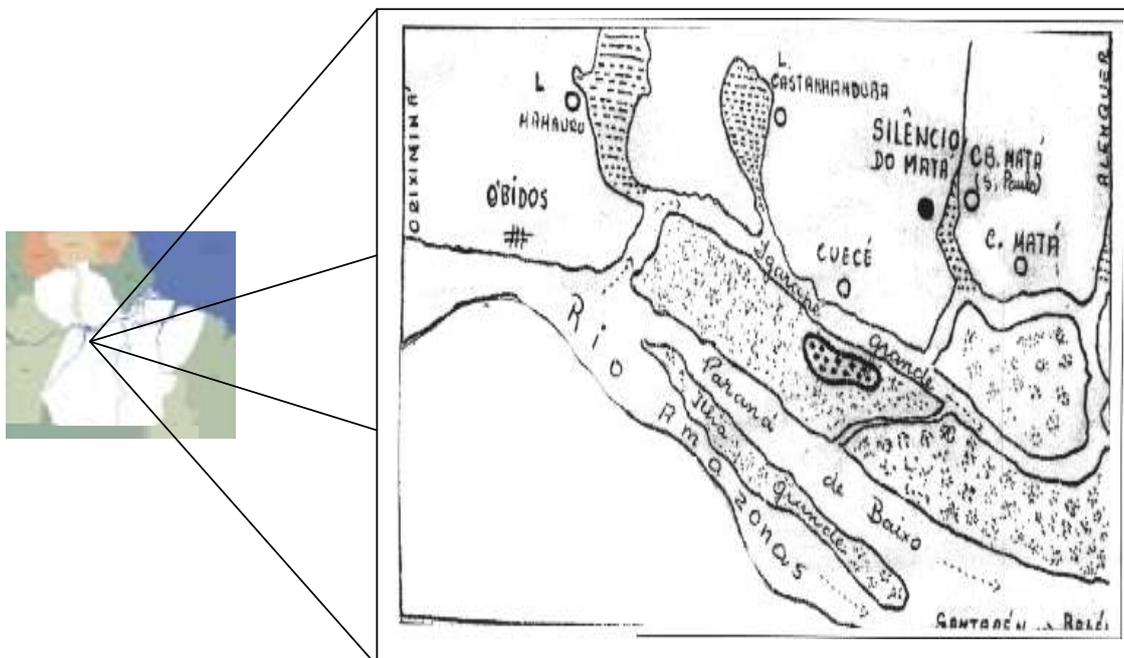


Figura III: Croqui visualizando a comunidade.
Fonte: Museu Integrado de Óbidos, 1998.

¹⁴ Denominação dada pelos moradores das comunidades, Apuí, Castanhanduba, São José, Cuecé, Jacaré Puru e Silêncio do Matá ao local onde estão agregadas essas comunidades.

A atividade agrícola, na comunidade está direcionada para o roçado, feito no modo tradicional pela derrubada e queima, inicia-se durante o verão com a preparação das roças para o plantio e tem seu maior desenvolvimento durante o inverno, ou seja, durante o período chuvoso da região. Esse período é o momento da colheita, feita através do puxirum (ver anexo III), esse consiste na ajuda mútua dos moradores na colheita de seus roçados, a pessoa que trabalha durante quatro a cinco horas no roçado de um vizinho tem o direito de ser retribuído com as mesmas horas de trabalho em seu roçado. Uma outra atividade que tem grande importância na comunidade são as plantações e criações de animais domésticos no “terreiro” ou quintal, nesse espaço se planta as ervas medicinais, as árvores frutíferas e a horticultura, é também nesse local, que se desenvolvem as criações de pato, galinha e peru, é importante salientar que as responsabilidades desse espaço fica para a mulher, entende-se que esse espaço é uma extensão do ambiente doméstico da casa. A circulação desses produtos fica dentro da comunidade para consumo próprio dos moradores, saindo somente o excedente para venda na sede do município de Óbidos.



Figura IV: Aspecto de uma casa da comunidade e seu terreiro.
Fotos: Carvalho, D. 2007.

A pecuária na comunidade não é desenvolvida como atividade econômica, mas alguns moradores possuem um *gadinho*¹⁵ mais para providências imprevistas, e também para puxar carros do que para atividade econômicas, esse carro é de grande importância para eles, pois dentro da comunidade esse é o único meio de transporte, para carregar seus produtos do roçado, produtos variados e também de locomoção por terra para outras comunidades vizinhas.



Figura V: Carro de boi.
Fotos: Carvalho, D. 2001.

A infra-estrutura da comunidade é precária o sistema de saneamento não é suficiente a água não recebe nenhum tratamento apesar de ser encanado, o fornecimento de água acontece apenas por algumas horas por dia, essa água é extraída de um poço artesiano, feito pela prefeitura do município. É inexistente o sistema de esgoto e o lixo não recebe tratamento adequado, para sua destruição e ou transformação.

¹⁵ “O criatório de gado bovino, e de caprino em pequena escala que funciona mais como um medidor de status e referência fiduciária, do que propriamente fonte de subsistência. Por exemplo, ter um *gadinho* significa ter possibilidades abertas ao crédito para financiamentos e transações comerciais tanto com os regatões, que ainda circulam na região, quanto com casas comerciais dos centros urbanos municipais. Esse criatório de gado bovino em geral, vive atrelado aos pastos de grandes fazendas da região, onde sempre existe uma relação de parceria denominada *sociedade de gado*” (Furtado, 1993, p. 102, 103).

A energia elétrica é feita por três horas diárias começando às dezoito horas com o término às vinte e uma hora, essa energia vem de um motor gerador a óleo diesel mantida pela prefeitura do município, é comum acontecer dos moradores fazerem coletas para compra de combustível, para terem mais algumas horas de energia, a motivação maior para essa coleta são os jogos transmitidos pelas emissoras de televisão, ou mesmo por outra atração televisiva, principalmente as novelas que passam depois desse horário.

Nessa comunidade não existe posto de saúde, apenas um agente de saúde, que encaminha os moradores para o posto do Matá de Baixo, caso a doença não seja grave e se for o caso de tratamento mais específico o paciente é encaminhado para a sede do município, a cidade de Óbidos. Na comunidade do Silêncio do Matá existem três telefones públicos, apesar de terem um funcionamento bastante precário, esse é um dos meios de comunicação dos moradores com a sede do município, enfim todo o resto do mundo.

A educação dessa comunidade, é toda de responsabilidade da prefeitura do município, existe uma escola que leva o nome de São Benedito, na qual estudam moradores da comunidade e vizinhos. Antigamente havia duas escolas distintas, que foram aglutinadas, pois somente dessa forma poderiam ter um diretor e conseqüentemente mais verbas para a escola. Essa instituição de ensino tem nove professores com o ensino médio completo, e nenhum com ensino superior. Um diretor, uma secretária, um vigia e quatro serventes. Têm uma média de quatrocentos alunos matriculados, desses são divididos em onze turmas todas de ensino básico, que vão desde o pré escolar até sexta série. Também existe quatro turmas de etapas correspondendo a primeira etapa à primeira e segunda série, a segunda etapa à terceira e quarta série, a terceira etapa à quinta e sexta série e a quarta etapa a sétima e oitava série, e finalmente uma turma de alfabetização de adultos e jovens. As aulas da escola são dadas em quatro lugares diferentes: no próprio prédio da escola,

na sede do Botafogo, time de futebol da comunidade, na sede do São Paulo, também time de futebol da cabeceira do São Paulo e no prédio recém inaugurado com novas salas de aula.



Figura VI: Capela de Nossa Senhora da Conceição.
Fotos: Carvalho, D. 2007.

A religião predominante na comunidade é a católica, do total de seus moradores, apenas um pequeno grupo de aproximadamente quarenta pessoas não comunga a mesma religião, são conhecidos como evangélicos, protestante ou mesmo “crentes”, essas pessoas professam o pentecostalismo da Assembléia de Deus. Deve-se ressaltar que existe uma grande aversão a essa igreja. Esses não possuem igreja e seus cultos são feitos em suas casas. Já os católicos possuem uma capela, a qual, erigida para a santa padroeira da comunidade que é Nossa Senhora da Conceição, seus festejos começam no primeiro domingo de maio com o Círio da Santa e se estende por uma semana, até o dia da Festa, nessa capela que fica a imagem de São Benedito, nessa capela fica também uma imagem de São Benedito, adquirida posteriormente a primeira que pertencia a Dona Emília.

Dentro das atividades lúdicas da comunidade destaca-se a grande concentração no futebol, com os campeonatos organizados pelos moradores da localidade. O Silencio do Matá possui vários times de futebol, tanto masculino como feminino, mas seu maior destaque é o Botafogo, durante esses torneios são realizados bailes, com bandas da cidade de Óbidos, bingos e rifas para angariar dinheiro para o time de futebol, no final do dia alguns dos moradores se reúnem para jogar futebol no campo do Botafogo, são as famosas peladas, outro grande destaque dessas atividades está nas “reuniões” em frente das casas com televisão para assistir os telejornais e as novelas, é importante registrar que só tem energia elétrica no horário das dezoito às vinte e uma horas, coincidindo com o horário dessas atrações televisivas.

A Folia de São Benedito

Para iniciar a descrição sobre a Folia em estudo, faço primeiramente uma breve referência sobre a vida do santo homenageado nessa Folia, baseado no livro de Bruno de Menezes (1959), “São Benedito da Praia: o folclore do Ver-o-peso. Benedito nasceu na Sicília, província de Sanfratello, no ano de 1526, filho de Cristovão Monassero e Diana Lercan, negros africanos, vindos da Etiópia, foram escravos de servidão. Benedito foi pastor de ovelhas e lavrador, aos 18 anos resolveu consagrar-se ao senhor, mas somente com 21 anos foi chamado por um monge para viver entre os Irmãos Eremitas de São Francisco de Assis, depois de 17 anos foi obrigado a se mudar para o convento dos Capuchos, onde foi escalado para ser cozinheiro, ficou nessa função até que foi eleito pelos seus irmãos de comunidade como superior do mosteiro, tendo concluído seu período como superior voltou a desenvolver suas atividades de cozinheiro. Morreu em 04 de abril de 1589 e foi canonizado em 1807. A data oficial da igreja católica para as comemorações a esse santo é dia 05 de outubro.

Sua imagem veio para o Brasil no período colonial, sendo incorporado pelos escravos negros africanos, passando a ser em sua maioria santo

protetor, assim como pela sua similaridade de condição submissa como lavrador, pastor de gado e cozinheiro. Passemos agora para o ciclo festivo em homenagem a São Benedito.

Estrutura da Folia.

A Esmolação.

A *Esmolação* é o marco inicial da Folia de São Benedito, muitos relatos nos dão conta sobre a Esmolação, é o momento em que os foliões saem em cortejo pela comunidade levando o santo para “passear” e “visitar” as casas dos moradores da localidade, a Esmolação desenvolve-se dentro do contexto da zona rural, mas algumas informações nos mostra que nesse momento da Folia, os passeios com o Santo se estendem até a sede do município, isso porque as festa de caráter católico popular eram vistas negativamente pelas autoridades da Eclésia do município, mesmo assim as visitas do santo dentro da cidade eram quase todas restritas aos bairros afastados do centro da cidade, isso porque a maioria as pessoas que moram nesses bairros são oriundas das comunidades rurais da região de Óbidos, havendo assim uma cumplicidade com a festa. Devo atentar o leitor que o fato das Esmolações se estenderem até a cidade, não significa dizer que essa Folia fazia suas apresentações dentro do contexto urbano, pois a esmolação é uma parte de um toda da Folia, e esse todo se desenvolve somente dentro da comunidade longe dos olhos da Igreja Oficial.

De 15 ou 30 dias antes de 28 de agosto, data atribuída pelos moradores para homenagear o Santo da Folia, inicia-se os preparativos para a Esmolação, esses preparativos, consiste na elaboração do roteiro para serem seguidos, os contatos com os moradores para prepararem suas casas para receber São Benedito, e também para preparem os donativos para o Santo, avisar de antemão o morador, além de servir para que o mesmo prepare seu altar dentro de sua, serve para lembrar o morador que ele deve dar algum donativo para o Santo, esse donativo pode ser, um animal, galinha ou pato, pode ser uma garrafa de qualquer bebida alcoólica, preferencialmente cachaça

ou mesmo dinheiro, o donativo, torna-se um imperativo para o morador, pois é ele que vai manter a paz entre o doador e o Santo, pois não dar nada para Benedito pode ser muito perigoso, como me relatou dona Maria.

“uma vez, né o pessoal da Folia tava esmolando, aí tinha um viajante, comprando castanha, aí o pessoal foi lá pedi, pra ele dar um presente para o Santo, aí o viajante disse, ‘eu nu vou é dar nada pra essa bagunça’, aí o pessoal foi embora num dissero nada, aí quando o barco dele tava chegando perto daquela boca que dá pro Igarapé Grande, o pessoal só ouviu o grito dele: socorro, socorro, socorro. Foram ver o barco dele tava afundando, aí todo mundo correu pra ajudar, aí salvaram ele, depois ele olhou e disse: foi São Benedito que me castigou, eu vô dá um boi pra vocês. Por isso que não é bom brincá com Santo nenhum, principalmente São Benedito” (Dona Maria).

A isenção de doação para o Santo, só pode acontecer em casos especiais se o morador não tiver realmente condições para dar nada, e a possibilidade disso acontecer é muito rara, não ouvi nenhum relato sobre alguém ter deixado de dar algo para o Santo, no caso da pessoa que estiver impossibilitada fisicamente os parentes próximos têm a obrigação de prover o parente incapacitado, e se o morador não dispor de animais, dinheiro para doar ou comprar bebidas, ele pode trabalhar para o Santo, isso consiste na dedicação dele na organização da festa, mas se mesmo assim, a impossibilidade for grande, a pessoa essa pessoa pode dar uma árvore para o Santo, isto é, plantar uma árvore frutífera e dar esse pé para o Santo, os frutos dessa árvore fica para o coletivo.

Visitas às casas.

Depois dos moradores serem avisados, os foliões vão a essas casas situada na comunidade ou em outras comunidades vizinhas, muitas vezes vão em canoas, ou de pés cantando *Formen-formen*¹⁶ (Ver anexo I) e o *Marabaixo* (Ver anexo I). Ao chegarem na frente da casa a ser visitada os foliões entoam as músicas, *Rosário de Maria* (Ver anexo I) e *Mãe Maria* (Ver anexo I), “pedindo licença para entrar no recinto”. Nesse momento a mulher que carrega a imagem do santo entrega-o para o dono da casa, que respeitosamente pega a imagem envolta a um pano branco com sua mão direita e o coloca no altar, feito especialmente para esse dia e então o Primeiro Capitão cumprimenta o dono da casa e os outros foliões começam a cantar o *Aiué - Marujo do Mar*, (Ver anexo I). Dentro da casa o Primeiro Capitão, tira versos de improviso em forma de cântico, pedindo ao Santo para proteger os membros da casa, não é de bom tom por parte do morador pedir para o Santo, algo que aluda riqueza material, “*a proteção divina é o suficiente para uma família*”.

Repasto e Beija o Santo.

Terminada a cerimônia dentro do recinto do lar, o dono da casa oferece um repasto para os foliões, antes da comida ser servida, o Primeiro Capitão benze a mesa e pede para o Santo prover sempre o dono da casa e sua família para que nada falte a ele durante o ano todo. Após terminarem de comer, cantam o *Despedida da Casa - Adeus* (Ver anexo I), é o momento de se despedir da casa nesse momento os membros da casa beijam a imagem e dão o donativo para o Santo, então o proprietário da casa pega a imagem do Santo, e a leva para passear dentro dos cômodos da casa, depois a leva até a outra casa a ser visitada. Esse ritual repete-se em todas as casas visitadas, a

¹⁶ Música que convoca os foliões, para saírem na esmolação.

Esmolação segue até o dia 25 de agosto, que é nesse momento que começa os preparativos para o Levantamento do Mastro.



Figura VII: Momento de beijar a imagem.
Fotos: Carvalho, D. 2003.

A Cerimônia do Mastro – A procura do Mastro

Como os membros da Folia estão dedicados a Esmolação, a tirada do mastro fica sobre responsabilidade dos trabalhadores do Santo, ao contrario de muitos mastros que são visto nas Folias de Óbidos esse, é feito de tronco de árvore, não muito alta, mede em torno de dois metros de altura, sendo que uns vinte e cinco centímetros vai ser enterrado para sustentá-lo em pé, há uma preocupação com mastros de grande porte, para evitar acidentes, como cair em cima de alguém ou mesmo de uma criança. O mastro não é de uma árvore específica, e nem de grande espessura, ele deve ser limpo de galhos, não chegam a tirar sua casca. É enfeitado em toda sua extensão pelos moradores, com ramagens, frutos, beijus, farinha de mandioca, na sua extremidade

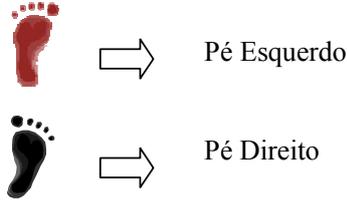
superior leva uma bandeira pintada com a imagem de São Benedito, depois de preparado dar-se início ao seu levantamento. Antes disso, os foliões dançam em seu redor e cantam músicas da folia acompanhadas pelo bumbo e gritos de viva São Benedito.

Levantamento do Mastro.

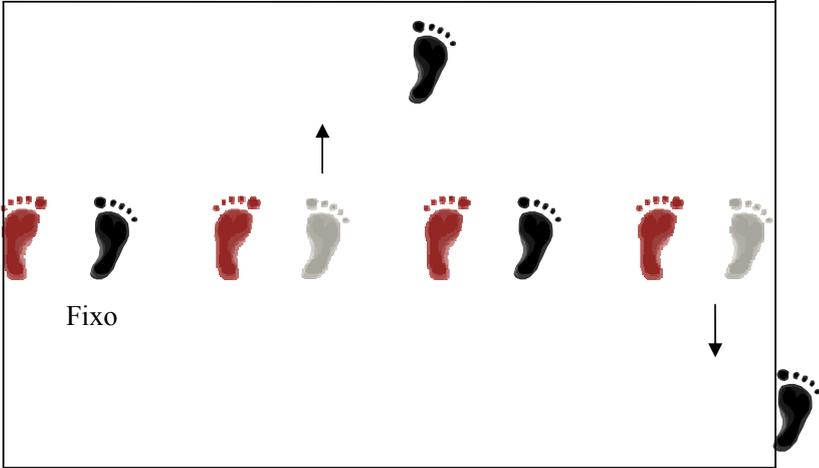
O mastro é levantado próximo a casa da “dona do santo”, proprietária da imagem, nesse caso dona Emilia. *“O mastro é levantado no terreiro da casa da dona dele, é lá que ele fica [a imagem], por isso que o mastro fica lá, é lá que a gente reza pro Santo, e é lá também que a gente faz a Ramada,”* (Seu Manoel), ou seja, a parte litúrgica da Folia vai se desenvolver toda nesse espaço. Essa liturgia acontece, durante o intervalo do dia 25 a 28 de agosto, os foliões se reúnem na casa da dona do santo para rezarem, onde é feito, o altar especialmente para essa data, esse altar vai permanecer durante o ano todo, só será desmontado durante os festejos do outro ano, o qual vai ser feito um outro altar para o Santo. Antes, porém eles cantam e dançam no terreiro da casa, é aí que eles desenvolvem suas coreografias rítmicas, entoam todas as músicas da Folia, ou seja, as danças, os bailados da Folia acontecem nesse momento.

A coreografia da Folia é bastante simples e repetitiva, os passos coreográficos executados pelos foliões são organizados obedecendo a uma sistematização, com poucas variações comandadas pelo Primeiro Capitão, ao som do seu apito ou do movimento do seu remo, não há passos isolado, nem improvisado, em um só tempo todos fazem o mesmo movimento do bailado, em uma sincronia do pé com o resto do corpo concatenado na música, arrumados em duas filas os foliões fazem movimentos de um lado para outro, sem sair do lugar, ao ritmo da música executada. O esquema a seguir dá uma visão da execução dos passos individuais durante a coreografia.

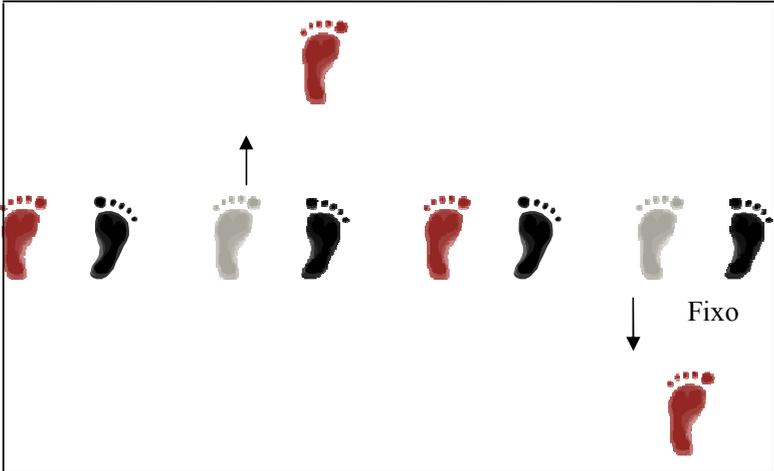
ESQUEMA I - Passos Individuais



1º Movimento



2º Movimento



A Liturgia.

A liturgia é toda conduzida pelo Primeiro Capitão, as rezas são iniciadas com três Pai-Nosso, três Ave Maria, três Santa Maria e três Gloria ao Pai, logo em seguida o Primeiro Capitão tira de improviso o Canto Introdutório e o canto a São Benedito, nota-se que no canto introdução o tema está voltado para as virtudes mundana de São Benedito, já no canto a São Benedito, existe mais uma evocação a Deus, na forma de Jesus Cristo, esse momento é o de maior aproximação da Folia com o catolicismo oficial, logo após o Primeiro Capitão tira as ladainhas rezadas em latim, esse formato de liturgia, acontece durante três dias, até o dia 28 de agosto, o qual começa os preparativos para o encerramento da Folia.

Canto introdutório

Meu São Benedito, já foi cozinheiro,

Hoje ele é Santo de Deus verdadeiro.

Meu São Benedito tua manga cheira de cravo de rosa e flor de laranjeira.

Santo é aquele que levam no andor meu São Benedito é o nosso senhor.

Santo é aquele que leve de dentro meu São Benedito que vem do convento.

De todos os santos que Jesus tem foi posto a gloria louvai-nos também.

Canto a São Benedito

Inova-me dá virgem do Rosário.

Ela foi acender a luz para Jesus Cristo nos salvar.

Abra sua flor (porta) e venha meu Jesus.

Ele vem tão piedoso com o peso da cruz.

Na porta do céu eu vejo uma cruz.

Nunca me traga estrela do nosso bom Jesus.

Ele vai, ele vem com muitos cuidados.

Para nós nunca esquecer do bendito é louvado.

Do seja ó santíssimo sacramento, do altar da puríssima conceição da virgem Maria senhora moça concebida sem pecado original para sempre amém. Amém.

Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo, Nossa mãe Maria Santíssima, seja bendita para sempre. Amém.



Figura VIII: Derrubada do Mastro.
Fotos: Carvalho, D. 2003.

A Derrubada do Mastro.

O início dos preparativos para o encerramento da Folia começa com a derrubada do mastro, o mastro é derrubado com golpes de machado, o primeiro golpe é dado pelo Primeiro Capitão, e posteriormente pelos membros restantes da Folia, seguido de moradores convocados pelos membros da Folia, nem todos os moradores são chamados para golpear o mastro, essa convocação segue um critério de faixa etária, preferencialmente para os mais velhos, pela conduta moral, além de serem mais velhos tem que ser moralmente íntegro, e pela importância da pessoa para a realização da Folia, é o caso dos Juizes, empregados e colaboradores que participaram ajudando indiretamente. No entanto, antes de golpear o mastro, a pessoa deve fazer um pedido para o Santo, ao cair o mastro, a pessoa que conseguir pegar a bandeira com a figura de São Benedito será no ano seguinte o juiz da festa, ou seja, a pessoa incumbida de organizar e custear a festa no que diz respeito ao baile, comida e bebida, cargo este disputadíssimo pelos moradores da comunidade. A queda do mastro simboliza uma passagem do sagrado para o profano, o alívio de cumprir a sua obrigação diante do Santo. A figura da criança na Folia fica quase toda de fora, a sua importância é um tanto secundária, isso porque elas só acompanham a Folia na companhia dos pais, e se limitam apenas a olhar e rezar, sempre sobre os olhares dos pais, mas na queda do mastro, quem mais se diverte em correr para pegar as frutas, os alimentos e os enfeites são os pequenos, que pegam as frutas mais para jogar uns nos outros, dando um caráter jocoso para a derrubada do mastro.

*A Festa de Ramada*¹⁷

¹⁷ Segundo Galvão, Ramada é um “galpão para festas. É geral coberto de palha, sem paredes e o chão de terra batida.” (Galvão, 1955, p. 201).

A festa de Ramada é o que marca o fim desse ciclo, é um baile que acontece dentro de um barracão chamado Ramada, definida assim por seu Manoel.

“A Ramada é um barracão, feito de palha, de chão batido, cercado com estacas, é feita pra festa, todo ano agente faz uma nova, é enfeitada com ramos de flor, muita flor, é feita pra gente dançar, o conjunto [músicos] fica lá dentro, o conjunto somos nois mesmo [músicos da Folia], toca tudo valsa, tudo, vixe a festa é muito boa, tem vez que a gente amanhece” (Seu Manoel).

Entendo que o nome, Ramada está estreitamente ligado aos ramos que enfeitam o barracão. Essa festa inicia-se com um leilão com a finalidade de angariar dinheiro para o santo, que na verdade, é utilizado para pagar eventuais despesas com a Folia, os prêmios do leilão são doações dos moradores da comunidade para o Santo, geralmente são bolos, galinhas assada, animais vivos como galinha e pato, até bebida alcoólicas, após o encerramento do leilão, começa a festa propriamente dita.

Apesar de ser um baile dançante, está dentro de um contexto religioso, do qual não há uma dicotomia entre sagrado e profano, então está sobre o olhar atento do Santo e de seus representantes na terra, os foliões, eventuais deslizos de condutas, tanto por excesso de bebidas alcoólicas, ou mesmo por qualquer outro motivo, pode acarretar em uma coerção do Santo através dos foliões, isso vai desde uma exclusão das atividades da Folia em outro ano, que é algo vexatório e preocupante, pois a pessoa estará a mercê das malinesas do Santo, e principalmente através do desprestígio social.

“Uma vez um molecão [rapaz] quis brigar na festa, eu chamei ele e disse: meu filho vai já para tua casa. Ele ainda quis

enfezar, aí nois viemo trazendo ele até aqui assim [fora da Ramada], e falei para ele se ele não fosse embora ele ia te problema com Benedito, que tava lá do céu olhando ele, aí ele disse pra mim: tá eu vô” (Seu Manoel).

A festa de Ramada, é um momento de socialização dos moradores da comunidade e moradores de comunidades vizinha, é um momento em que se solidarizam com seus parentes e amigos, reforçam seus laços afetivos, estabelecem novas amizades, essa festa não é um simples baile dançante, e sim um momento privilegiado para desenvolvimento das relações sociais, e também da ampliação de suas redes sociais, fazendo um pequeno comparativo, ela é tão importante para os moradores do Silêncio do Matá, assim como o Almoço do Círio é para os belenenses, não é concebível pensar a Folia sem essa festa, ela está imbricada diretamente à Folia.

Atores Sociais, na Folia.

O Primeiro Capitão.

A partir de agora discorrerei sobre os atores dessa Folia, dentro sua organização hierárquica, organizada segundo suas funções na Folia, começo pelo Primeiro Capitão Folião, é o mais importante da Folia é praticamente sua, quase todas as responsabilidades com o sagrado, exerce a figura da liderança maior, a ele compete tirar os versos a ser cantada, assim como conduzir toda a evolução da dança, a organização das caminhadas na Esmolação, é de sua competência também puxar as rezas e as ladainhas, é a figura principal da Folia.

O conhecimento sobre a Folia é de fundamental importância para ele, deve saber as rezas, as ladainhas em latim, e principalmente ter habilidade para fazer versos de improviso, por isso essa função é de caráter vitalício, pois quanto maior o acúmulo de conhecimento, maior o prestígio desse senhor

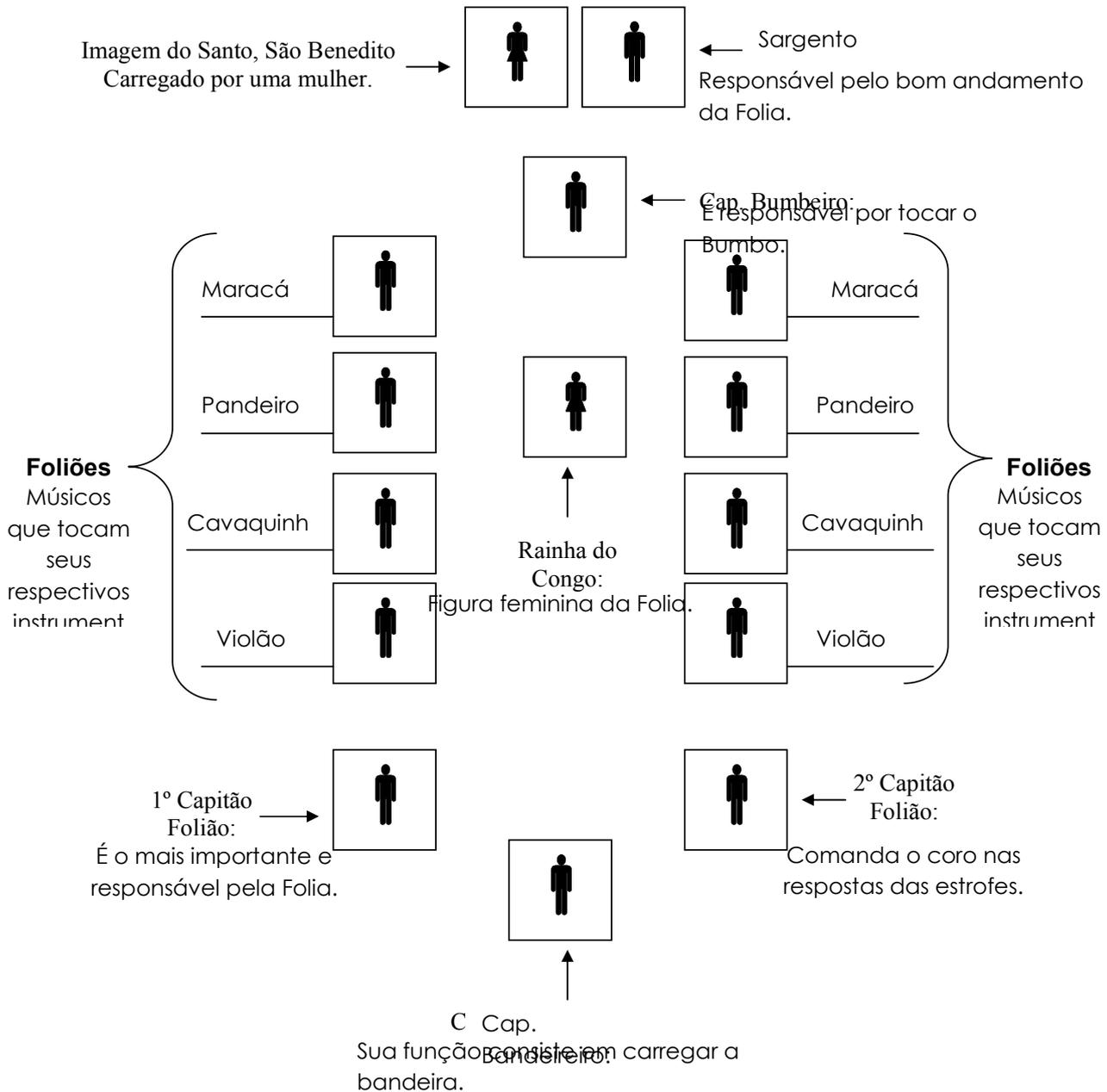
diante dos outros, um Primeiro Capitão, porém além de ter todas essas habilidades precisa ter alguns requisitos que vão ser mais valorizado, do que sua habilidade em conduzir a Folia, mostrarei quais são esses requisitos tomando como exemplo um episódio ocorrido comigo e o atual Primeiro Capitão.

Quando estava fazendo meu trabalho de campo, várias vezes me alertaram para meus futuros encontros com esse senhor, o problema era que as pessoas acreditavam que ele estava querendo tirar vantagens financeiras através da Folia, a primeira vez que tive um encontro com ele, estava acompanhado do meu anfitrião, o qual faz parte também da Folia, tivemos uma conversa rápida, foi mais para ser apresentado, logo após a conversa que tive com ele, o meu acompanhante me chamou para uma conversa reservada, ele me disse que o Primeiro Capitão, tinha perguntado quem eu era, então meu acompanhante falou que, eu sou de Óbidos, falou sobre minha família, e para surpresa dessa pessoa que me acompanhava, esse senhor perguntou se eu tinha condições de dar um receptor de antena parabólica para ele, pois meu cunhado na cidade vendia esses equipamentos. Esse episódio causou um grande aborrecimento para o meu anfitrião, ele levou ao conhecimento de outros moradores, e esse fato teve uma repercussão, muito negativa com os moradores dentro da comunidade, o fato de ter conhecimento sobre a Folia, não o legítima para fazer trocas em benefício próprio, como me disse o meu anfitrião *“a Folia não é dele, ele não tem esse direito”*, o meu colaborador, quis dizer que apesar dele ter todo esse conhecimento, ele tem que seguir normas imposta pela sociedade local que faz a Folia, não é admissível que o principal representante do Santo, faça barganha em benefício próprio usando a Folia.

Portanto a conduta moral do Primeiro Capitão, segundo os valores locais, vai ser a premissa, para exercer essa função, para que esse tenha o respeito dos moradores e participantes da Folia, vai ser isso que o vai respaldar diante das suas atitudes para com as demais pessoas, independentemente de seus conhecimentos e suas habilidades, o moral e o prestígio social, é que vai habilitar a pessoa a chegar nesse posto, ou seja, não tem Primeiro Capitão por vontade própria, para ser um Primeiro Capitão deve-

se passar por uma avaliação criteriosa da sociedade local, do mesmo modo essa norma é aplicada para os demais membros da Folia, relativamente com menos intensidade do que para o Primeiro Capitão.

ESQUEMA II – ORGANIZAÇÃO FÍSICA DA FOLIA



Fonte: T. Campo,
agosto/2001.

O ingresso na Folia como membro, acontece através de promessas feitas pelo noviço ao Santo, ou como pagamento de promessas feitas por outras pessoas beneficiando o neófito, é o caso de um membro, sua mãe fez uma promessa a São Benedito, para lhe dar saúde, em troca ele acompanharia a Folia durante sua vida, há também a possibilidade de ingresso pelo fato da pessoa saber tocar algum instrumento musical que acompanha a Folia, ou mesmo por afinidade e espontaneidade, atento ao leitor que esse ingresso muitas das vezes não é fácil acontecer, mesmo se o interessado tiver preenchido todos os requisitos, pois dentro da Folia existem apenas três cargos que não requer o conhecimento com instrumento musical, se for o caso o interessado deve saber tocar alguns desses instrumentos musicais.



Figura IX: Ala com o Primeiro Capitão à frente.
Fotos: Carvalho, D. 2003.

Na Folia o Primeiro Capitão, fica posicionado no início da ala direita, comanda os cânticos e toda a evolução das danças, traz consigo um remo enfeitado com papel crepom de varias cores, ao perguntar para seu Manoel o porquê do remo ouve como resposta a seguinte afirmação, “*o remo é pra remar a Folia*”, de fato metaforicamente essa é a função do remo na Folia, a hidrografia amazônica é muita vasta, do qual se apresenta como meios de reprodução tanto social, como simbólica, o rio proporciona para o habitante dessas áreas, possibilidades vastas, entre elas a de transporte, já dizia o poeta “*esse rio é minha rua*”, o principal meio para se locomover nesse ambiente se dá através das canoas, e essas canoas são de propulsão humana, feito por meio do remo, o remo vai movimentar a canoa para frente ou para trás, aliada com a força humana o remo pode dar velocidade ou não para a canoa, é com o remo que o condutor da canoa vai dar direção a ela, o remo permite ao condutor da canoa o domínio de tudo, e quem detém esse instrumento, tem em suas mãos o controle de tudo da embarcação, portanto isso justifica o motivo da afirmação do meu colaborador.

O Primeiro Capitão possui ainda um apito, que emite sinal sonoro de comandos, é com esse apito que ele organiza a introdução e a finalização da cantoria e conseqüentemente da dança, é também com esse instrumento que ele convoca os membros da Folia para tomarem seus lugares e reiniciarem seus trabalhos.

O Segundo Capitão

Na Folia o Segundo Capitão Folião, exerce como principal função o comando do coro nas respostas das estrofes puxadas pelo Primeiro Capitão, na estrutura da Folia fica no inicio da ala esquerda, evolui apoiado a um bastão decorado com papel de seda e crepom de varias cores, esse bastão serve

mais para diferenciá-lo dos demais membros da Folia, não ouve relatos que dessem conta do Segundo Capitão ser o sucessor natural do Primeiro, até porque os atributos, discutido acima, para ser Primeiro Capitão, não são exigidos ao Segundo, isso permite perfeitamente, que um Segundo Capitão possa exercer esse cargo sem ter todas as virtudes do Primeiro Capitão, mas na hierarquia da Folia ele vem logo após o Primeiro, isso lhe habilita de cuidar do bom andamento da Folia na ausência do Primeiro Capitão, porém essas atribuições se limitam apenas a puxar as músicas, comandar a dança da Folia e organizar os membros da Folia, e se por algum motivo, seja qual for até mesmo caso de óbito, o Primeiro Capitão ficou impossibilitado de participar da liturgia, esse só tomará o lugar do Primeiro se tiver as virtudes de um Primeiro Capitão, caso contrário isso não pode acontecer, e se dentro da Folia tiver alguém com esses atributos não há empecilho nenhum, para assumir o lugar do Primeiro Capitão. Esse cargo assim como os demais, com exceção do Primeiro Capitão, não é de caráter vitalício.

O Capitão Bumbeiro.

O Capitão Bumbeiro é o responsável por tocar o bumbo, o toque do bumbo é o que vai dar a marcação das músicas, é também com esse instrumento, que convoca os demais membros da Folia para iniciarem, suas atividades, é o único instrumento ímpar dentro da Folia, o bumbo é um instrumento percussivo de grande dimensão e sonoridade grave, é tocado com a pele em posição vertical, quando está em uso é sustentado por um alça de couro, que passa pelo ombro esquerdo e pela cintura do lado direito. O Capitão Bumbeiro mantém o instrumento apoiado com a mão esquerda, enquanto que com a mão direita segura à maceta, antes era feito de tronco de árvore e couro de animal, atualmente esse bumbo é de origem industrial.

O Capitão Bandeireiro.

O Capitão Bandeireiro, sua função consiste em carregar a bandeira, da Folia, é de sua responsabilidade também conduzir a Folia nos trajetos durante a Esmolação e nas visitas as casas, quando o percurso da Folia é feito por via fluvial, esse vai na proa da canoa cruzando a bandeira ao vento, essa bandeira é feita de seda branca, nela está escrito “*São Benedito, Viva as festividades*”, as bandeiras são elementos presente na Folia desde os tempos de Portugal, é ela que vai identificar a Folia e a quem essa Folia homenageia.

O Sargento.

A ordem dentro da Folia, é incumbência do Sargento, responsável pelo bom andamento da folia, no que diz respeito a organização dos Foliões, cabe a ele a providencia de canoas para o transportes dos foliões, a alimentação, ele cuida do sincronismo dos brincantes na coreografia e sua principal incumbência e o controle de ingestão de bebidas alcoólicas por parte dos brincantes, ele é quem vai doutrinar os demais membros da Folia, é a figura da coerção, é o único que pode circular dentro da Folia durante o momento que ele achar conveniente, sua posição inicial na Folia é do lado da imagem do Santo, isso é para dar proteção e apoio a mulher que leva essa imagem, carrega consigo um bastão que serve de instrumento de repressão para os membros da Folia descompassados.

A Rainha do Congo.

A figura feminina na Folia se faz através da Rainha do Congo, personagem que caracteriza as congadas, fazendo assim uma alusão as grandes rainhas tribais africanas, é a única mulher que faz parte da Folia como membro, traz uma coroa de papelão na cabeça para justificar a sua imagem de rainha, essa coroa é decorada com diversas franjas de papel de seda de cores variadas, o bico da coroa é decorado com varias flores de papel crepom, de

cores e tamanhos variados, usa geralmente um vestido na cor branco, com saia rodada em seda e filó com folhos de cetim.



Figura X: A Rainha do Congo.
Fotos: Carvalho, D. 2003.

“A Rainha do Congo, é a mulher mais importante, pois ela é rainha, e tem que esta aí, num pode deixar uma rainha fora da Folia, Jesus não vaio da Rainha Maria? uma

mulher, então para ser da Folia tinha que se rainha” (Seu Manoel).

A figura feminina, nessa comunidade é sempre associada ao mundo doméstico, dessa forma algumas atividades são de caráter feminino e outras exclusivas para os homens, por exemplo, o mundo público, e as atividades nesse espaço é todo desenvolvido por homens, a religião, é uma dessas atividades desenvolvida por homens, nesse sentido ter uma mulher dentro desse mundo masculino, é a valorização da figura feminina através da alusão a essa pessoa figurada de nobre, é o que acontece com a figura da Rainha do Congo, portanto a figura da Rainha do Congo é entendida como a valorização da figura feminina dentro da Folia, e essa figura é tão importante, que sua escolha para participar da Folia, não acontece de forma aleatória, posso concluir que a escolha da Rainha do Congo é tão criteriosa como do Primeiro Capitão, tem que se levar em consideração sua conduta moral de mãe, esposa e seu prestígio diante dos moradores, junto com o Primeiro Capitão sua função é de caráter vitalício.

Foliões.

A Folia de São Benedito se completa com mais oito foliões, são músicos que tocam os instrumentos da Folia assim se comportam: dois Foliões dos violões é o principal instrumento da Folia, dois Foliões dos cavaquinhos colocam-se na ordem das alas logo após o violão, é um instrumento de apoio, dois Foliões dos pandeiros, esse instrumento marca o andamento da música com movimento contínuo, dando pequenas variações dependendo do desenvolvimento da música, as vezes sua manipulação é feita através da fricção dos dedos do Folião na mica e dois Foliões dos maracás. São apenas chamados de Foliões, não levam uma terminologia específica como os demais membros da Folia. Esses instrumentos são de produção industrial, somente os maracás que são fabricados pelos membros da Folia, geralmente são feitos de latas de óleo de cozinha, com semente no seu interior, os demais instrumentos são comprados prontos.



Figura XI: Os Foliões, durante a Esmolação.
Fotos: Carvalho, D. 2003.

Roupas e Adereços.

A roupagem dos Foliões não segue um modelo ou uniforme específico, são roupas de dias especiais, é claro, são roupas de tecidos não nobres, que não são usadas durante dias comuns, porém ouvi um relato sobre as roupas de uso dos membros dessa Folia.

“Uma vez eu dei roupa pra eles brincarem, comprei camisa branca de tergal, calça de linho branco, dei a farda deles, hoje eu num posso fazer isso, mas faço todo tempo as rosas deles pra botar no capacete, dêz que eu dei nunca mais eles usaram uma farda” (Dona Ana).

Os Foliões apesar de não usarem uma roupa específica, usam um adereço chamado Capacete, esse adereço tem o objetivo de diferenciar e

identificar os brincantes. Essa peça em forma de uma coroa é feita de papelão grosso coberto com papel crepom, cortado em franja de várias cores, na sua parte frontal colocam-se três a quatro rosas, confeccionadas de papel pelos próprios moradores da comunidade, muitas vezes essas rosas são doadas por moradores que fazem promessas a São Benedito e são atendidas, as rosas do capacete do Primeiro Capitão, são todas brancas, enquanto que dos demais são de várias cores. Atrás do capacete são costuradas fitas de várias cores. Nota-se que é muito recorrente o uso de terminologias militares - primeiro e segundo capitão, sargento capitão bandeireiro, capitão Bumbeiro, capacete, farda – tudo dentro de uma representação da hierarquia militar na Folia.

Juízes, Mordomo e Empregados do Santo.

Além dos Foliões, existem pessoas que mesmo não sendo considerados como membros da Folia, estão diretamente envolvidas com ela, e são de suma importância para o bom desenvolvimento dessa festa, trata-se dos Juízes, Mordomos e Empregados do Santo, são pessoas da comunidade ou de comunidades vizinhas que se comprometem com o Santo para financiar a festa ou trabalhar durante o seu período, os Juízes são pessoas que motivadas por questões pessoais, pegam a bandeira que fica na extremidade superior do mastro, quando esse é derrubado, a obrigação do Juiz é financiar a Folia, isso significa que a festa deve ser custeada por essa pessoa, desde seu início com a Esmolação até a Festa de Ramada, esse vai contar com o apoio do Mordomo, designado pelo Juiz, para administrar os gastos, e administrar a organização e os preparativos da festa, já o Empregado do Santo são as pessoas que fazem os trabalhos pesados, esse é promesseiro que se disponibiliza para o trabalho para pagar alguma promessa, teve alguns relatos que nos dá conta que existia uma roça feita para o Santo, do qual era tirada toda a sua produção para ser empregada na festa a São Benedito.

Após ter apresentado ao leitor os membros dessa Folia devo ressaltar que esses senhores que fazem parte dessa manifestação, são pessoas comuns da comunidade, que levam uma vida como as demais pessoas desse

lugar, porém esses mesmo senhores gozam de certa forma de um status, dentro dessa comunidade, e fora dela também, geralmente são as referências de conhecimento da comunidade, são as pessoas indicadas pelas outras para falar da vida social da localidade, da história do seu povo, penso que são uma elite intelectual dessa comunidade.

Excluído: ¶

A Imagem.

A Imagem da Folia remonta os tempos de sua fundação, ela pertencia a Dona Emilia, que herdou de seus pais, a aquisição dessa imagem é desconhecida, sabe-se apenas que ela foi a primeira da Folia, atualmente ela fica na posse de seus herdeiros, não sai mais para passear, a noção de passeio está na qualidade da saída do ambiente doméstico para um percurso em áreas públicas, a imagem que acompanha a Folia, é a de seu Manoel Severiano, esse relata que adquiriu essa imagem em Manaus, porém há relatos que essa imagem foi doação de uma senhora promesseira da sede do município que dou essa imagem, a intenção de ter uma imagem para a Folia, estava justificada em sua promessa, segundo ele como forma de pagamento da promessa que tinha feito a São Benedito para curá-lo, ele daria uma imagem para esse Santo, essa imagem é feita de gesso e mede aproximadamente quarenta centímetros, ela fica dentro de sua casa em um altar feito pelo proprietário, essa imagem não é considerada pelos moradores como poderosa, mesmo assim ela é motivo de respeito, de cuidados e devoção, mas o poder de milagreiro ela não tem.

Esse poder é atribuído para imagem de Dona Emilia, o interessante que a imagem mesmo tendo um caráter mais público, essa é sempre chamada de "imagem da Dona Emilia", ganhando um sobrenome, o poder atribuído para a imagem está na sua história, levando em consideração sua aquisição, seu material, e o prestígio social do seu dono avaliado pelos moradores da comunidade.



Figura XII: Imagem de São Benedito levado por uma mulher.
Fotos: Carvalho, D. 2003.

A imagem de Dona Emilia, está na sua família desde os primórdios da Folia, não se sabe como foi à aquisição dessa imagem, porém sabe-se que ela foi a primeira a ser usada na Folia, ou seja, ela é do tempo dos fundadores da Folia, isso dá a ela um diferencial por ter sido dos fundadores, os que iniciaram a festa, adquirida para ser da Folia, dando a essa um caráter de autêntica, apesar de desconhecida a forma como foi adquirida, sabe-se que ela foi contraída para uma finalidade, a festa em homenagem a esse Santo, e isso já lhe deferência das demais imagens da comunidade.



Figura XIII: Imagem de São Benedito na capela.
Fotos: Carvalho, D. 2007.

Faço uma pequena ressalva, nesse texto para relatar sobre as histórias de obtenção de algumas imagens de Santo, descrita pelos pesquisadores desse assunto e o poder atribuído a elas através de sua aquisição, para então narrar uma história de aquisição e transformação de uma imagem da comunidade. A forma mágica de adquirir uma imagem pode dar a ela um poder de milagre maior que as demais imagens, é o caso da imagem de Nossa Senhora de Nazaré, adquirida pelo caboclo Plácido, o mesmo foi narrado por Bruno de Menezes no seu “São Benedito da Praia”, quando mostra a aquisição da imagem de São Benedito, achada numa praia dentro de uma mala sem nenhuma avaria, o mesmo aconteceu com a imagem de Nossa Senhora da Conceição encontrada por pescadores no rio Paraíba, passando a ser Nossa Senhora da Conceição Aparecida, durante minha convivência com os moradores da comunidade, conheci a história da Santa Pedra, trata-se de uma pedra com uma silhueta que lembra Nossa Senhora de Nazaré com seu manto.

Segunda a narração de Dona Ana, um dia sua mãe estava recolhendo sua mandioca que estava em um olho d'água de molho, quando vinha com seu panelo cheio de mandioca, ele tropeçou em uma pedra, essa se abaixou pegou a pedra, xingou e a jogou em direção do igarapé, ao retornar para pegar outra quantidade de mandioca, novamente no mesmo local ela tropeçou em uma pedra, mais uma vez ela fez a mesma coisa, se abaixou pegou a pedra e a jogou em direção ao igarapé, e seguiu em direção do olho d'água, para recolocar mandioca no seu panelo, ao retornar com o panelo novamente, ela tropeçou e no mesmo lugar, intrigada constante situação ela resolve ver a pedra que tanto tropeçava, e percebeu que essa pedra tinha feições de Nossa Senhora, e entendeu que isso era um aviso, para ela levar a futura imagem e adorá-la, e assim essa pedra se tornou adorada pela família dessa senhora, e detém respeito por parte dos moradores da comunidade, apesar de ser mais adorada pela família de Dona Ana, essa imagem fica em um altar dentro de sua casa, atualmente essa pedra passou por uma pintura artística para ficar mais definido a imagem da santa. Portanto a aquisição mágica de algum objeto pode definir se o mesmo é ou não sagrado, não sendo restrito somente para imagens de Santo, estendendo também para objetos que aludem esses.

A imagem de Dona Emilia é esculpida em madeira, não identifiquei que espécie de madeira, tem dimensões aproximadamente de vinte a vinte e cinco centímetros, apesar de ser de dimensões menores da imagem do Seu Manoel, ela se diferencia por ser de madeira e a outra de gesso, as imagens de gesso são comumente encontra nas casas dessa comunidade e não é de menos, pois na sede do município, existem casas comerciais de venda de imagem, e esse material é bem mais em conta em relação a outros, ao contrário da imagem de Dona Emilia que é de madeira, e rara, encontrada apenas em lugares especializados, como antiquários, nesse sentido a imagem de São Benedito de Dona Emilia, tem mais valor simbólico que a do Seu Manoel.

O prestígio social do seu dono é um fator também, que vai dar a imagem um poder diferente das demais, isso fica explícito numa conversa informal que tive com uma colaboradora, a respeito de um senhor que não é muito bem querido na comunidade, mas possui uma imagem de outro Santo, dizem que ele é uma pessoa que tem como meta principal o dinheiro, seu principal objetivo é enriquecer, perguntei a ela, de forma jocosa, se tivesse uma festa em homenagem ao Santo desse senhor se ela participaria.

“Vixe se fosse pro Santo sim, mas pro Santo dele não, Deus me livre, que eu ia fazê alguma coisa pra ele, ele tem dinheiro então pague pra fazê” (Dona Ana).

As pessoas atribuem características pessoais dos proprietários para a imagem, não adianta nada ser dono de um Santo, e não ter uma conduta merecedora de prestígio, porque o Santo não vai ter poder nenhum, ao contrário ele vai ser igual o seu dono, nesse sentido, não vi muita diferenciação do Santo do Seu Manoel e de Dona Emilia, apesar de ter pessoas que não escondem certa aversão a Seu Manuel, mas nada que possa desmerecer essa imagem.

A imagem do Santo é toda amarrada de fitas de cetim de varias cores, essas são pagamento de promessas dos moradores, com o Santo, algumas pessoas associam as cores das fitas à suas promessas, é o caso de uma senhora que amarrou uma fita branca, na imagem para agradecer a promessa que ela tinha feito pedindo a cura de seu filho recém nascido, a criança mesmo sem ser batizada é considerada como anjinho, ou seja, pura sem pecado, e o branco representa essa virtude, por isso a fita de cor branca, dada por essa senhora. É comum ver pessoas fazerem um pedido para o Santo e dão um nó nas fitas, acreditam, quando a fita se arreventar o pedido feito a esse Santo será atendido, esses não necessariamente têm que colocar suas fitas, eles podem fazer seus pedidos usando fitas de promesseiros anteriores.

Durante o percurso da Folia a imagem é levada por uma mulher, designada pelos membros da Folia, essa mulher é escolhida através do consenso tanto dos membros da Folia como dos moradores, a avaliação dessa pessoa, leva em consideração a sua vida particular com sua família, seu comportamento diante de todos e sua idade.

“Pra carregar o Santo tem que ser uma pessoa de respeito, a gente não vai dá o Santo pra qualquer um, e tem que sê uma mulher. Mulher é que tem jeito pra isso, nois vê se ela pode, se ela pode, ela vai, se não. Não fica bom pra nois” (Seu Manoel)

A mulher tem que ser uma mulher compenetrada na sua vida de esposa e mãe, deve ser uma pessoa moralmente impecável e principalmente tem que ser uma mulher de idade avançada, na verdade esse critério é bem relativo, o que marca o amadurecimento de uma mulher é a chegada de seu primeiro filho, isso pode acontecer durante sua adolescência, mas será visto como a passagem da fase infantil, para a adulta, sem ter sido adolescente, assim uma mulher de cinquenta anos, ou menos, se já tiver neto é considerada senil, nesse sentido não é raro encontrar mulheres entre quarenta anos como responsável de carregar a imagem do Santo. O fato de ser uma mulher a responsável de carregar a imagem do Santo está na relação de gênero dessas pessoas, é como se refere a declaração do meu colaborador acima, *“mulher é que tem jeito pra isso”*, uma leitura na gestual da mulher levando a imagem do Santo, ilustra bem essa declaração.

Nessa comunidade, assim como na maioria, as atividades das pessoas estão divididas por gênero, ao homem cabe prover a família, isso requer que ele trabalhe para o sustento da família, o trabalho pode ser na roça ou na pesca, mas é fora de sua residência, ou seja, no espaço público, isso

significa que tem o dever dar conta da obtenção dos meios de sustento de sua família. Já com a mulher é diferente, essa é responsável pela os afazeres domésticos, criar e educar seus filhos, cuidar do seu marido, isso dentro do ambiente doméstico, a figura da mulher é visto como a uma pessoa delicada, adestrada para cuidar de crianças e para fazer os trabalhos “leves” do lar, o homem é educado para ser a pessoa forte da família, trabalhar com o “grosso”, “pegar no pesado”, e isso desqualifica para carregar a imagem de São Benedito, “ter jeito pra isso” é ser delicado, frágil, tratar com sutileza, e isso não são atributos para o homem.

A mulher quando carrega a imagem, esta carregando algo sagrado, os cuidados devem ser encarados como se fosse um ser desprotegido, como acontece com as crianças recém nascidas, a delicadeza com que cuidam de seus filhos lhe dá a propriedade para carregar a imagem do Santo, coisa que seria muito difícil para um homem habituado a fazer somente serviços pesados, portanto, ter jeito para isso, e ter a delicadeza de tratar a imagem. É importante salientar que essa mulher escolhida para carregar a imagem do Santo, não é considerada membro da Folia, a mulher que carrega o Santo acompanha a Folia, durante todo o seu ciclo, porém, quase todo ano existe uma pessoa diferente, muitas das vezes essa mulher é esposa de algum membro da Folia, a única mulher que é considerada membro é a Rainha do Congo.

No cortejo da Folia na Esmolação ou em qualquer situação que seja necessário carregar o Santo, esse deve ser envolto em uma toalha ou tecido branco, não é permitido andar com Santo sem essa proteção, a leitura que se faz a respeito desse pano, nos remete a uma separação estipulada pelos membros da Folia entre o divino e os mortais, do qual aceitam a aproximação desses dois mediados pelo tecido, para ficar entre esses dois mundos. Antes de sair do seu altar o Santo passa por um preparativo especial, que vai lhe proteger de possíveis percalços mundanos, e esse tecido é a sua principal armadura contra os males desse mundo, isso lhe resguarda de possíveis contaminações.

A Estrutura Rítmica e Melódica das Músicas.

A estrutura rítmica- melódica das músicas da Folia de São Benedito apresentam grande complexidade, principalmente pela excessivo poder de improvisação, alguns textos poéticos são adaptados em uma mesma melodia, é o caso de Marabaixo e Mãe Maria. As melodias são construídas no modo maior, com cadenciamento caindo para tônica, transcorre por intervalos contínuos de segunda e terças, com uso constante de passagem e bordaduras, não permitindo muitos saltos melódicos, não permitindo muitos saltos melódicos, com exceção de Marujos do Mar, Rosário de Maria e Hortolinda, em que correm saltos de sextas a sétimas maior ascendentes, respectivamente. Quanto Marujo do Mar o salto melódico apresenta-se nas perguntas e respostas com as perguntas terminando em repouso de tônica na figura da mínima e a resposta iniciando-se com uma colcheia, seguida de semicolcheia. Também observados saltos de quartas ascendentes, nas musicas Formem-Formem e Rosário de Maria, e de quintas em Mãe Maria e Marabaixo.

Existe um padrão rítmico – melódico, que no decorrer vai sofrendo sutis variações do texto. A melodia vai se constituindo em pequenos fragmentos de frases em função do texto. A melodia vai se constituindo em pequenos fragmentos de frases, para ajustar-se a acentuação silábica. Os efeitos melódicos – vocais forçam a criação de melisma e prolongamento de sílabas por varias tonalidades diferentes. Desta forma, há uma adaptação da melodia à letra com total liberdade de criação por parte do Primeiro capitão, dando muitas das vezes uma definição sonora, o que possibilita o aparecimento de rubatos na execução. O desenho melódico, neste caso não é uma sucessiva repetição de forma estrutural, ocorrendo mudanças em um simples compasso que cria em função do alongamento vocal. As frases melódicas vêm descendo com uma freqüência até chegar à tônica do grave. É perceptível nas melodias uma forte tendência para o repouso ao grave. No

entanto, quando da finalização em algumas músicas, não há repouso, a nota final fica suspensa, forçando a continuidade da música.

A estrutura de diálogo responsorial que ocorre em todas as músicas da Folia traz características de refrão, em um jogo de perguntas e respostas, cabendo ao solista, o Primeiro Capitão, a proposição e ao coro homofônico a resposta. Ocorre tanto na melodia como no texto. O canto responsorial é demarcado pela comunicação entre solista, que faz freqüentes variantes e o coro que repete em métrica silábica. A conversa textual parte do coro, em que o solista vai construindo sua frase, muitas vezes a partir da repetição de uma mesma palavra, como exemplo Hortolinda. Todas as músicas são compostas no compasso binário, o que permite o desenvolvimento coreográfico em todo o seu aspecto evolutivo, mesmo quando se constituem variações de passos.

O andamento apresenta-se lento, principalmente nas músicas de organização dos Foliões, sempre tendenciando para um andante, porém, Formem-Formem e Adeus, caracterizam-se por um moderato de marcação contínua. No decorrer das músicas os andamentos sofrem freqüentes alterações em rubatos.

O ritmo apresenta-se com figuras regulares e irregulares, criando uma sensação de gravidade interna, ocorrem poucas séries de uma só figura, apenas aparecendo em Adeus uma seqüência de colcheias, isso por haver freqüentes interrupções. Quanto aos ritmos percussivos, estes são marcados por semitempos, em formas de sincopas e contratempos, com exceção do toque do bumbo, que faz a marcação em um tempo contínuo, quase ininterrupto, mas quando ao pandeiro é friccionado, o ritmo fica em series de colcheias, ocorrendo o oposto - síncopas e contratempo – quando o instrumento é batido.

Um fato muito curioso na maneira dos Foliões cantarem é a nasalização vocal um empostamento que caracteriza a música folclórica popular brasileira.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os trabalhos na antropologia que estudam mudanças, tanto no campo da mudança social como na cultural, minhas reflexões a cerca dessa temática partem de uma indagação: A Folia de São Benedito sofreu uma mudança ou simplesmente absorveu um novo significado. Para entender essa questão faço um apanhado sobre essa manifestação religiosa e seu contexto e também sobre o meu pensamento acerca dessa temática durante minha trajetória nessa pesquisa.

Quando comecei a trabalhar sobre a Folia de São Benedito na Iniciação Científica, no Museu Paraense Emílio Goeldi, acreditava que a Folia tinha mudado por influência de políticas públicas locais para o turismo, quando estava fazendo meu trabalho de campo na comunidade, soube que os membros da Folia tinham deixado de fazer sua festa em homenagem ao Santo por motivo de falecimento da esposa de um dos integrantes da Folia, mas se apresentaram num festival folclórico dentro da sede do município, me levando a crer que estava diante de uma mudança imposta pelos gestores local. De fato essas políticas influenciaram, mas não somente essa houve alguns outros fatores, que nesse capítulo abordarei, a partir de agora.

A Folia de São Benedito acontece numa comunidade de remanescente de quilombo chamada de Silêncio do Matá, no município de Óbidos no Estado do Pará. Tem característica de uma manifestação de catolicismo popular, entendida como um conjunto de crenças e práticas, socialmente reconhecidas como católicas, e que partilham os não especialistas do sagrado, independente de sua classe social, ou seja, em oposição à igreja católica oficial (Maués, 1995), é uma festa feita pelos moradores da comunidade, tal como citado no capítulo anterior. A Folia de São Benedito dentro de sua totalidade sempre aconteceu dentro da comunidade, desde o seu primórdio, apenas a Esmolação a única parte desse todo que se

apresentava fora da comunidade. Em 1988, essa Folia foi “apresentada” em um encontro de militância sobre questões do movimento negro chamado encontro Raízes Negras, essa apresentação foi uma das primeiras da Folia fora da comunidade, o que entendo como marco do início dessa mudança, a partir daí essa festa se apresentava constantemente fora dessa comunidade.

Esse encontro possibilitou as comunidades se organizarem para delimitar as políticas para essa região, nesse período foi promulgada a constituição de 1988, o qual dava direito a essas comunidades a titulação de suas terras, desde que comprovassem suas origens quilombola, necessidade de comprovação de suas origens, acabou dando para a Folia, não uma mudança de abandono de algo e aquisição de outro, mas uma resignificação desse evento, assim, o I Encontro Raízes Negras foi igual a chegada do Capitão Cook no Havaí.

Viajei para comunidade para desenvolve meu trabalho de campo, saí com a intenção de por a prova minha hipótese a respeito dessa Folia. O interessante e desagradável foi que mais uma vez ao chegar nessa comunidade para presenciar a Folia de São Benedito essa não se apresentou, como havia acontecido em 2001 quando fui fazer o primeiro trabalho de campo para minha bolsa de Iniciação Científica do Museu Emilio Goeldi, mas ao contrario de 2001, quando não houve a festa para São Benedito por conta do falecimento da esposa de um dos membros da Folia, esse ano a falta de dinheiro foi o motivo da não apresentação dessa Folia, os membros dessa alegaram estar sem dinheiro para custear as despesas da festa e por isso não poderiam fazer uma festa em homenagem a São Benedito, essa foi a justificativa “oficial” dos membros da Folia, porém durante conversas informais com meus colaboradores dava para se notar algumas questões que me levavam a outro entendimento.

Tentarei aqui visualizar algumas impressões a respeito desse novo trabalho de campo feito para o mestrado. Quando estive este ano na

comunidade do Silêncio do Matá me deparei com um momento um tanto diferente, isso porque a comunidade é alvo de uma investigação criminal. Não tive acesso a informações oficiais da justiça e nem mesmo da Câmara municipal, responsável por essa investigação através de uma Comissão Parlamentar de Investigação, CPI, as informações que obtive sobre essa investigação, são por causa de um desvio de verbas destina a uma construtora contratada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, INCRA, para a construção de casas populares para os moradores dessa comunidade, esse fato causa aos moradores uma desconfiança com todos os estrangeiros que vierem para essa localidade, isso fica claro a meu ver quando fui recepcionado na comunidade, a primeira vez que fui para essa comunidade às pessoas me recepcionavam com uma pergunta, “veio conhecer a comunidade?”, quando fui outras vezes a recepção veio acompanhado de outra pergunta “gostou da comunidade?”, mas nessa ultima viagem veio sim uma pergunta, totalmente diferente, “veio ver como esta aqui?”. Isso denota o grau de desconfiança desses moradores, esse fato me criou certa barreira, que achava ter superada, pois tinha perdido o status de *íntimo* com meus principais colaboradores, mas que depois isso seria totalmente superado.

O motivo de não ter acontecido, como havia mostrado acima a justificativa “oficial” era falta de dinheiro, isso me remete a uma questão, os juízes, os mordomos e os empregados do santo não deram conta de organizar a Folia para São Benedito? Caso isso tenha acontecido, em tempos atrás isso seria um motivo de coerção social, pois *“não conseguir fazer uma festa a altura de são Benedito, significaria desagradar o santo e ficar a mercê de suas punições terrenas, tanto para o individuo como para o coletivo”*, e isso não era bom para a comunidade, mas de fato os festejos não aconteceram por causa de dinheiro para bancar a festa, primeiro porque essa não dispunha mais de um grupo da comunidade para organizá-la, no que diz respeito às despesas, e isso aconteceu por dois motivos que entendo como fatores de mudança dessa Folia.

O primeiro iniciou-se com as apresentações da Folia de São Benedito como festa de matriz afro¹⁸, no Encontro Raízes Negras, isso porque saía das mãos dos foliões a responsabilidade de manter a Folia, quando essa passou a ser um folguedo a responsabilidade passou para os gestores local custear as despesa da Folia, pois além de ser uma manifestação “exótica” viável como produto de turismo ela entra também, como patrimônio do município e conseqüentemente de responsabilidade dos gestores a sua manutenção dessa forma cabendo apenas aos membros da Folia representar a festa.

Em agosto de 2003, não estava mais como bolsista de Iniciação Científica do Museu Emílio Goeldi, estava passando férias da universidade em Óbidos, isso era em julho desse ano, quando fui surpreendido com a notícia de que ia ter a apresentação da Folia de São Benedito, é obvio que não deveria perder, mesmo se eu não fosse mais bolsista. Me preparei com maquinas fotográficas, filmadora e gravador, para poder presenciar a Folia, e então partir para a comunidade.

Quando cheguei à comunidade fui, mais uma vez, para casa do Carlito, e esse realmente me confirmou, porém eu imaginava que ia presenciar a saída deles para esmolar quinze ou vinte dias, e por isso fui bem antes do seu ápice, mas a Esmolação não aconteceu pelo menos, todos esses dias, como eles alegaram não terem recursos financeiros para sair esmolando fora da comunidade, não havia a necessidade de fazer a Esmolação durante quinze dias, pois a Esmolação não sairia da comunidade, e com isso o tempo podia ser menor. Passei dois dias na comunidade e voltei para Óbidos, para quando chegasse próximo da festa, retornaria à comunidade não fiquei esperando

¹⁸ Há de se entender que na visão local festas de origem afro e do catolicismo popular, são vista como festas folclóricas, e esse folclore é entendida pelos gestores e moradores da sede do município como uma tradição e costumes de tempos atrás, não vividos mais, essa noção se aproxima muito da visão de muitos folcloristas evolucionistas, em que tinham a visão do folclore como uma sobrevivência de culturas, a respeito disso ver Brandão 1992, Fernandes 1982 e Frade 1997, portanto a noção de folclore desse texto tem a conotação da concepção local, apesar de não concordar com essa visão.

porque o Carlito estava recebendo uns amigos dele, então achei conveniente retornar para Óbidos e voltar próximo do dia 28 de agosto.

Quando fui para presenciar a Folia, levei uma pessoa comigo para me ajudar nas gravações de vídeo, chegamos à comunidade, um dia antes da festa, finalmente ia assistir a Folia de São Benedito. A festa então teve seu início, começou coma a Esmolação, como é de costume, mas essa começou no mesmo dia da festa, sem anteceder a festa a Esmolação ficou toda restrita a comunidade, não saiu para esmolar por comunidades vizinhas, foi notório a falta de doações arrecado para o Santo, desses donativos o que mais se arrecadou foi bebidas alcoólicas, após a Esmolação aconteceu o levantamento do mastro, esse foi feito ao lado da sede do time de futebol Botafogo, onde foi também desenvolvida toda a festa.

A liturgia da Folia tinha como atividade rezas de pai-nosso, ave-maria entre outras, não tinha mais ladainhas, mesmo com a presença do Primeiro Capitão, ao indagar o motivo dessa ausência, ele me respondeu melancolicamente, que não dava ninguém e por isso não havia a necessidade de tirar Ladainhas.

Não tinha um altar feito para o Santo apenas uma mesa do qual o Santo foi posto para que a senhora que carregava o Santo descansasse os seus braços, os moradores da comunidade em um número pequeno estavam presente, o que me chamou muita atenção foi o número reduzido de jovens, tinha bastante crianças, mas esses estavam, mais interessado em brincar correndo, do que prestar atenção na festa, o fato de estar com a filmadora, mereceu também a atenção deles.

A derruba do Mastro aconteceu, no mesmo dia do levantamento ocorreu da forma como era em temos atrás, só com uma diferença, ninguém pegou a bandeira da ponta do mastro, depois de estar no chão e passado

algum tempo um membro da Folia foi pegar a bandeira, ele a juntou sacudiu para tirar a areia dela e depois a guardou discretamente no seu bolso, após a derrubada do mastro iniciou-se uma pequena festa, na verdade foi mais uma conversa espontânea, para tomar a cachaça, doada pelos moradores da comunidades aos membros da Folia, do que propriamente, uma festa dançante. O que presenciei foi uma manutenção em essência de uma festa, sem os mesmo valores de antes, isso para mim se torna obvio, pelo simples fato de ver que as pessoas desse lugar, que não tinham mais o mesmo empenho de antes, pelo menos foi o que sentia quando ouvia a narração dos meus colaboradores, hoje os moradores do Silêncio esperam muito das autoridades municipais para bancar as despesas da Folia, isso se dá pelo fato dela apresentar um novo significado para os moradores, a de que a Folia é um folguedo da comunidade e não mais uma expressão religiosa desses moradores para com o Santo, cobrar dos gestores os custos dessa festa é uma forma também de manutenção da Folia, portanto dizer que a Folia hoje tem um caráter religioso, seria um tanto inverdade, ela tem resquício de uma festa religiosa, mas hoje ela está mais para um exemplo de uma antiga festa religiosa, acredito que hoje ela se apresenta mais como um folguedo da comunidade de remanescente de quilombo.

O segundo fator está diretamente ligado ao primeiro, e considero mais recente, pois atentei a esse fato durante minha última estada na comunidade, o controle eclesiástico, a comunidade tem um padroeiro que não é São Benedito, é Nossa Senhora da Conceição, não tenho precisão desde quando essa santa é padroeira da comunidade, mas por volta da década de 80, essa santa vem sendo festejada como padroeira da comunidade pela igreja católica oficial, apesar da festa ser relatada com menos entusiasmo pelos moradores antigos do que a Folia de São Benedito. Mas o que isso tem a ver com essa mudança que me proponho a estudar? A Folia de São Benedito como catolicismo popular sempre foi dirigida por não especialista do sagrado e longe do controle das autoridades eclesiásticas, isso de fato causa a igreja oficial um desconforto, portanto apresentar a Folia como folguedo daria à igreja a possibilidade de inculcar na comunidade a festa não como uma manifestação de cunho religioso e

sim de folclórico, passando para a padroeira o status de principal intercessora entre Deus e os homens dessa comunidade, tendo assim o controle do sagrado.

E de fato isso veio acontecer, quando estive nessa região conversei de maneira informal, com pároco de Óbidos, indaguei sobre as folias da região, a minha intenção era observar a reação desse padre a respeito dessa manifestação, tinha quase certeza que na minha presença ele não falaria nada que pudesse ser de menosprezo a Folia, o tom da conversa dele dava conta de que as folias são manifestações tradicionais que devem ser preservada, porém conceituar a festa como do catolicismo é incorreto, na fala dele fica bem claro que tais festas são festas profanas, portanto devem ser desatrelada do catolicismo. Uma questão que chamou minha atenção a respeito da classificação de profana pelo padre foi a desaprovação dele com o consumo de bebidas alcoólicas pelos Foliões no desenrolar da Folia, para ele festejar um Santo conduzido por pessoas comuns e consumindo bebidas alcoólicas seria uma ofensa com a divindade.

Não seria então exagero em dizer que a força da autoridade eclesiástica aparece como uma grande influência para a mudança dessa Folia, percebi isso agora no último campo, entendo que a padroeira erigida pela Igreja oficial tomou conta das almas dos moradores da comunidade, então não seria mais correto trabalhar para um Santo que é festejado por pessoas que não tem competência de resolver questões divinas aqui na terra. Entendo que uma padroeira para a comunidade com festas dentro dos padrões urbanos orientadas pelo Eclésia, tomou lugar dos festejos a São Benedito, renegando a um folguedo de uma população rural atrasada, dando a esse festejo a conotação de festa profana.

Gostaria agora de fazer sugestões de trabalho a respeito dessa festa a esse Santo, primeiramente a possibilidade da Folia como produto de políticas para o turismo, fomentar a festa a São Benedito de forma de

espetacularização, pode ser umas das vias para a manutenção dessa festa, desde que a comunidade possa de forma efetiva dialogar com os gestores a respeito do coerente e do necessário para a festa. Pois uma política dessa configuração, para ter êxito, sem grandes impactos para a comunidade e para a festa deve ser elaborada em conjunto com as pessoas responsáveis pelo seu desenrolar, isso requer dos gestores municipal, estadual e federal, a adequação das políticas aos moradores, e não o inverso, ou seja, fazer com que os moradores se adequem às políticas. Como exemplo negativo de adequação da manifestação às políticas está o Sairé, em Alter do Chão, município de Santarém, descrita por José Veríssimo, como uma manifestação indígena, modificada e adequada pelos missionários jesuítas, para servir de instrumento de catequese do nativo indígena, esse tomou características do catolicismo popular, do qual era desenvolvido em Alter do Chão, até que a implantação de uma política voltada para o turismo, o espetacularizou com outras características, que se assemelham a festa dos bois bumbas de Parintins.

Nesse sentido, entendo que uma política com responsabilidade, aliada às pessoas que realizam essa festa, podem trazer estratégias de conservação de manifestações como essa, sem muitos impactos para a comunidade detentora desses conhecimentos.

Outro ponto que chamo atenção está diretamente ligado ao anterior, à valorização de manifestações desse gênero, pois, nos últimos anos muito se fala em preservação do patrimônio imaterial brasileiro, privilegiando as manifestações de caráter popular, basta ver na “Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais”, da Unesco, redigida na 33ª reunião, celebrada em Paris, de 03 a 21 de outubro de 2005, tendo como principal objetivo a:

“a)proteger e promover a diversidade das expressões culturais; b)criar condições para que as culturas floresçam e interajam livremente

em benefício mútuo; c)encorajar o diálogo entre culturas a fim de assegurar intercâmbios culturais mais amplos e equilibrados no mundo em favor do respeito intercultural e de uma cultura da paz; d)fomentar a interculturalidade de forma a desenvolver a interação cultural, no espírito de construir pontes entre os povos; e)promover o respeito pela diversidade das expressões culturais e a conscientização de seu valor nos planos local, nacional e internacional; f)reafirmar a importância do vínculo entre cultura e desenvolvimento para todos os países, especialmente para países em desenvolvimento, e encorajar as ações empreendidas no plano nacional e internacional para que se reconheça o autêntico valor desse vínculo; g)reconhecer natureza específica das atividades, bens e serviços culturais enquanto portadores de identidades, valores e significados; h)reafirmar o direito soberano dos Estados de conservar, adotar e implementar as políticas e medidas que considerem apropriadas para a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais em seu território; i)fortalecer a cooperação e a solidariedade internacionais em um espírito de parceria visando, especialmente, o aprimoramento das capacidades dos países em desenvolvimento de protegerem e de promoverem a diversidade das expressões culturais” (Unesco, 2005)

Nesse sentido a Folia por mais que tenha adquirido novas conotações, de forma alguma ela perde seu valor cultural, ao contrário por ter uma história, singular com personagens de relevância a uma cultura regional, essa festa deve ter o status, de patrimônio cultural dessa região e por isso deve também estar protegida e ser patrimônio cultural imaterial da Amazônia.

Finalmente, sugiro um trabalho dentro das expressões artísticas, entendendo que a estética da Folia tanto da sua encenação, gestual, como da sua sonoridade merecem um estudo aprofundado. A dramatização da Folia apresenta expressões artísticas, singular, nota-se que não estou afirmando que a Folia de São Benedito é uma teatro, mas vejo que no seu desenrolar a expressão corporal e lingüística do seus membros, pode dar um futuro estudo no campo da etnocenologia, dentro dessa temática, dando subsídios para pensar numa relação com essa festa e o teatro.

Nessa dissertação fiz com ajuda de dois músicos, uma introdução às estruturas musicais da Folia tenho plena convicção que essa inserção foi de caráter superficial, mas minha intenção não era mostrar as músicas dessa Folia de forma técnica e sim dar uma pequena contribuição a futuros leitores desse texto, para, quem sabe, aguçar sua curiosidade, e fazer de maneira técnica e profissional, dentro da etnomusicologia, um estudo dessas músicas, e sua relevância para o contexto cultural da comunidade, ou dos estudos de teoria musical, solfejo, harmonia, ritmo existente nas escolas de músicas e conservatórios de Belém, tais como, Conservatório Carlos Gomes, Conservatório Doris Azevedo e Escola de Música da Universidade Federal do Pará.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

ALVES, Isidoro. **O carnaval Devoto**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O divino, o santo e a senhora**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

_____. **O que é folclore?** São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.

BRANDÃO, Francisco Manoel. **Terra Pauxi**. Belém: SECULT, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

BIÃO, A. & GREINER, C. (Org.). **Etnocologia, Textos Selecionados**. São Paulo: Annablume, 1998.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.

CARDOSO, Luis Fernando Cardoso. **Curumins e cuiantãs do Matá: Trabalho infanto-juvenil e modo de vida na Amazônia**. Belém:UFPa: Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Dissertação de Mestrado em Sociologia-2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

CLIFFORD, James; GONÇALVES, José Reginaldo Santos (Org.). **A Experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

COUTO, Edilene Souza. **“Religiosidade popular na Bahia: as festas de Santa Bárbara e São Sebastião”**. Seminário Internacional de História das

Religiões. III Simpósio de História das Religiões. CD-ROM. Recife: ABHR, 2001.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O Mito do eterno retorno: arquétipos e repetição**. Lisboa: Edição Jornal Pessoal, 1988.

_____. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Gisele Brito. **A resignificação das relações comunitárias e a produção simbólica na mercantilização do Çairé**. Belém: UFPa: Centro Socioeconômico. Dissertação de Mestrado em Serviço Social-2005.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: Hucitec, 1982.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Ecoturismo, festas e rituais na Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 1999.

FORTES, Meyer. **O ciclo do desenvolvimento do grupo doméstico**. 1º Ed. Brasília: Editora da UnB, 1974.

FRADE, Cascia. **Folclore**. 2 ed. São Paulo: Global, 1997.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. **Os pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica**. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 1993.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1955.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOORNAERT, Eduardo. "Pressupostos antropológicos para a compreensão do sincretismo". **Revista de Cultura Vozes**, Vol. LXXI (7), setembro de 1977.

HILMAN, Arthur. **Organização da comunidade e Planejamento**. 2º ed. Rio de Janeiro: Agir, 1964.

INSTITUTO DE ARTES DO PARÁ. **Encomendação das Almas**. Belém, IAP, 2006.

LANNA, Marcos. **De Sahlins a Claude Lévi-strauss: no setor transpacífico do sistema mundial**. , Horiz. antropol. , 2001, vol.7, no.16, ISSN 0104-71832.

_____. **Sobre Marshall Sahlins e as "cosmologias do capitalismo"**. *Mana*, abr. 2001, vol.7, no.1, p.117-131. ISSN 0104-9313.

LE COINT, Paul. **L'Amozonie bresilienne**. Paris: Augustin Chalamel, 1922.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Totemismo hoje**. Petrópolis: Vozes, 1975.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: CEJUP, 1995.

_____. **Estudo do fenômeno religioso numa comunidade amazônica**. Belém: NAEA, 1980.

_____. **Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião.** São Paulo: V. 19, n. 13, p. 259-274, 2005

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia, v. II.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1974.

MENEZES, Bruno de. **São Benedito da Paia: o folclore do Ver-o-Peso.** Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1959.

PANTOJA, Mariana Ciavatta. **Os Milton: cem anos de história nos seringais.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massanga, 2004.

PORTO, Guilherme. **As Folias de Reis do Sul de Minas.** Rio de Janeiro: MEC-SEC/FUNART/ Instituto Nacional do Folclore, 1982.

TEIXEIRA, Lygia Conceição Leitão. **Marambiré: o negro no folclore paraense.** Belém: SECULT; FCPTN, 1989.

TRINDADE, Joseline Simone Barreto. **“Nós quilombola?” A construção da identidade quilombola a partir dos levantamentos de comunidades negras rurais do Estado do Pará.** www.koinonia.org.br/oq/ensaio.htm, consultado em 15 de setembro de 2006, às 14h20min. 2004.

REIS, Arthur César Ferreira. **História de Óbidos.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: Ministério da Cultura, 1998.

SARAGOÇA, Lucinda. **Da Feliz Lusitânia aos confins da Amazônia (1615-62).** Santarém: Edições Cosmos e Câmara Municipal de Santarém, 2000.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará: sob o regime da escravidão.** 2 ed. Brasília: Ministério da Cultura, 1998.

_____. **O negro na formação da sociedade paraense.** Belém: Paka-Tatu, 2004.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de historia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SILVA, André Luiz Martins da. **Dialética da ação social e da ação simbólica: Sahlins e as cosmologias do capitalismo**. Trabalho apresentado como requisito de conclusão da disciplina História da Antropologia II. Belém: Inédito, 2006.

SILVA, Dedival Brandão da. **Os Tambores da esperança: um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na Festa de São Benedito da cidade de Bragança**. Belém: Falangola, 1997.

UNESCO. **Convenção Sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais**. Paris, UNESCO, 2005.

VAN GENNEP, Arnald. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

VERISSIMO, José. **Estudos amazônicos**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1970.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, [s.d.].

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira; Brasília (D.F.): Ed. Universidade de Brasília, 1981.

ANEXOS

ANEXO I
LETRAS DAS MÚSICAS DA FOLIA DE SÃO
BENEDITO

FORMEM-FORMEM

Formem-formem, seu pelotão
Menas batalha merece balão.

FORMEM-FORMEM
PARA MACHAR
VAMOS DE PRESSA
QUEREMOS CHEGAR.

E o frade São Benedito
Pra onde vai caminhar?
Vai visitar seus pecadores
Que estão em culpa mortal.

Meu São Benedito
Bem alegre ele está.

Na casa do irmão devoto
Que costuma festejar.

Ai! Vamos, vamos folião
Que a hora vai chegando.

É com São Benedito
Que nos anda acompanhando.

E por onde nos vamos andando
A bandeira vai batendo.
E o frade São Benedito
Que ele vai nos benzendo.

Ai! Formem-formem seus pelotões
Menas batalha merece o balão.

Nós somos filhos de Maria
Descendemos de Adão.

E o frade São Benedito
Nos deite a sua benção.

E faz como Jesus Cristo
Quando falou com Adão.

Abençoi com a direita
Com a esquerda não quero não.

ROSÁRIO DE MARIA

Ora, marcha companheiros
Marchemos com alegria
Ai! No Rosário de Maria.

NO ROSÁRIO DE MARIA (bis)

Na casa do irmão devoto
Que costuma festejar.
Ai! No Rosário de Maria.

Vamos, vamos folião
Que a hora vai chegando.

Ai! No Rosário de Maria

O frade São Benedito
Que nós vai acompanhando.
Ai! No Rosário de Maria.

Nós já fomos e já viemos
Lá da torre de Belém.
Ai! No Rosário de Maria.
O frade São Benedito
Que nasceu pro nosso bem.
Ai! No Rosário de Maria.

Vamos dar esse passeio
Não será um desengano.
Ai! No Rosário de Maria.

Vamos levar São Benedito
Lá pro pacoval
Ai! No Rosário de Maria.

Santa Mãe Maria,
Maria Mãe de Jesus.
Ai! No Rosário de Maria.

Foi o filho de Maria
Que morreu por nós na cruz.
Ai! No Rosário de Maria.

RAINHA DO CONGO

Oh! Rainha do congo,
Para onde vai?

NO ROSÁRIO VER A MÃE DE DEUS! (refrão)

Olha, Congo, olha Congo,
Para onde vai?

MARUJO DO MAR

Nós *cantamo* o Baião
Somos *marujo* do Mar.

AIUÊ! INGUIRISSÁ
VIVA NOSSO GENERAL (refrão)

Rema, rema, marinheiro
Quem rema mais comerá.

Que chibantes são aqueles
Sobre as ondas do mar.

Traz a bandeira no topo
Nós devemos arriar.

Nós *cantamo* o Baião
Somos *marujo* do mar.

Quer tirar tua batina
Pra te mandar prender.

Nós *cantamo* o Baião
Somos *marujo* do mar.

Nem que São João fosse frade

Quem dirá que eu também sou.
Eu já *teve* sem batina
Como João mandou.

Nós *cantamo* o Baião
Somos *marujo* do mar.

O *João* anda dizendo
Quem não sabe dizer certo.

Ele quer que eu faça a ele
O que fiz pro São Roberto.

Nós *cantamo* o Baião
Somos *marujo* do mar.

São Roberto é quem paga
O martírio do senhor.

Acompanhai a nossa alma
Quando deste mundo for.

Nós *cantamo* o Baião
Somos *marujo*

HORTOLINDA

Eu plantei na minha horta, Hortolinda.

Semente de melancia, Hortolinda.

HORTOLINDA, HORTOLINDA, HORTOLINDA. (coro)

SEMENTE DE MELANCIA, HORTOLINDA.

Plantei cravo, nasceu rosa, Hortolinda.

Ambos os dois são *milavria*.

O frade São Benedito, Hortolinda.

Feito do jasmim cheiroso, Hortolinda.

HORTOLINDA, HORTOLINDA, HORTOLINDA. (coro)

FEITO DO JASMIM CHEIROSO, HORTOLINDA.

Que nasceu seu reverendo, Hortolinda.

E se fez tão milagroso, Hortolinda.

HORTOLINDA, HORTOLINDA, HORTOLINDA. (coro)

QUE SE FEZ TÃO MILAGROSO, HORTOLINDA.

Cheiro cravo, cheira rosa, Hortolinda.

Cheira flor de laranjeira, Hortolinda.

HORTOLINDA, HORTOLINDA, HORTOLINDA. (coro)

CHEIRA FLOR DE LARANJEIRA, HORTOLINDA.

O frade São Benedito, Hortolinda.

Visitou seu amado cheiro, Hortolinda.

Vamos, vamos folião, Hortolinda.

Que a hora vai chegando, Hortolinda.

HORTOLINDA, HORTOLINDA, HORTOLINDA. (coro)

QUE A HORA VAI CHEGANDO.

Com o frade São Benedito, Hortolinda.

Que nós anda acompanhando, Hortolinda.

HORTOLINDA, HORTOLINDA, HORTOLINDA. (coro)

QUE NÓS ANDA ACOMPANHANDO, HORTOLINDA.

Em baixo dessa bandeira, Hortolinda.
Todos nós somos alistados, Hortolinda.

HORTOLINDA, HORTOLINDA, HORTOLINDA. (coro)
TODOS NÓS SOMOS ALISTADOS, HORTOLINDA.

Para ser cantor perpétuo, Hortolinda.
E de Benedito soldado, Hortolinda.

HORTOLINDA, HORTOLINDA, HORTOLINDA. (coro)
E DE BENEDITO SOLDADO, HORTOLINDA.

DESPEDIDA DA CASA – ADEUS

O meu partir é certo
De eu morrer certo será. (bis)
A morte é certa
Minha vida o sentirá.

ADEUS, ADEUS, ADEUS,
MINHA MÃE MARINGÓ. (refrão)
ARA FIQUE AQUI COM DEUS
QUE COM DEUS EU JÁ ME VOU. (bis)

O senhor dono da casa
Nos dê a licença inteira (bis)
Para sair o São Benedito

E o nosso porta-bandeira.

Dê licença meu irmão
Nessa praça de Jordão. (bis)
Para sair São Benedito
Com todo seu batalhão.
Embaixo dessa bandeira
Todos nós somos alistados. (bis)

Para ser cantor perpétuo
De Benedito Soldado.

Se esta rua fosse minha
Eu mandava ladrilhar. (bis)
Com uma pedra de diamante
Para Benedito andar.

Nossa Senhora da Guia
Madrinha de São João. (bis)
Eu também sou afilhado
Da Virgem da Conceição

MARABAIXO

ARA REMA, ARA REMA, ARA REMA FRAGATA
REMINHO DE OURO COLETE DE PRATA. (refrão)

Meu São Benedito já foi cozinheiro,
Hoje ele é Santo de Deus verdadeiro.

Ai, meu São Benedito, sua manga cheira
É cravo, é rosa, é flor de laranjeira.
Meu São Benedito, seu olho é de prata
São cravo e rosa, são cheio de graça.

Que Santo é aquele, que lá vem descendo?
É São Benedito que vem convento.

Que Santo é aquele que está no andor?
É São Benedito e o Nosso Senhor.

MÃE MARIA

Mãe Maria, você é minha avó
Canoa virou lá nas ondas do mar.

DEIXA VIRAR, ARA DEIXA VIRAR,
PORQUE MÃE MARIA NÃO SABE REMAR. (refrão)

Mãe Maria, barriga de cuia,
Canoa virou e ficou de bubuia.

Ara, Mãe Maria tu é minha tia
Canoa virou e tu não acudia.

Ara, Nossa Senhora teve um menino
Cabeça pelada e nariz pequenino..

Ara, todo marujo que são chibantão
Foram lá na cama com seu capitão.

ANEXO II
PARTITURAS DAS MÚSICAS DA FOLIA DE
SÃO BENEDITO

Despedida da casa - adeus

Folia de São Benedito

The image displays a musical score for a piece titled "Despedida da casa - adeus" (Folia de São Benedito). The score is written in a single system on a grand staff, consisting of seven staves. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 2/4. The music is composed of eighth and sixteenth notes, with some rests and a repeat sign in the fourth staff. The piece concludes with a double bar line and the word "fim" written below the final staff.



5 X

Marujo do Mar

Folia de São Benedito

The musical score for 'Marujo do Mar' is presented in six staves of music. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 2/4. The notation is in treble clef. The first five staves show a consistent rhythmic pattern of eighth notes, with a repeat sign after the first measure of each staff. The sixth staff contains two first endings, labeled '1.' and '2.', which lead to different conclusions of the piece. The first ending is a simple two-measure phrase, while the second ending includes a triplet of eighth notes.

♩ Coda

volta a

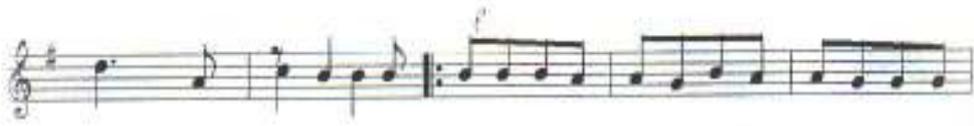
The image displays a musical score for the piece "Murço do mar" on page 03. The score is written in G major (one sharp) and consists of four staves of music. The notation includes various ornaments (trills and mordents) and triplets. The first staff begins with a trill on G4, followed by a quarter note A4, and then a triplet of eighth notes B4, A4, and G4. The second staff features a trill on G4, a quarter note A4, and a triplet of eighth notes B4, A4, and G4. The third staff starts with a trill on G4, a quarter note A4, and a triplet of eighth notes B4, A4, and G4. The fourth staff begins with a trill on G4, a quarter note A4, and a triplet of eighth notes B4, A4, and G4. The music is written in a single system with four staves.

Rosário de Maria

Folia de São Benedito

The musical score is written in G major (one sharp) and 2/4 time. It consists of six staves of music. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. The melody is composed of eighth and quarter notes. The second staff includes a 'rit.' (ritardando) marking above the first measure and a 'rit. mos.' (ritardando more) marking above the final measure. The third staff continues the melodic line. The fourth staff features a 'p' (piano) dynamic marking above the first measure. The fifth and sixth staves complete the piece with a final melodic phrase.

Rosario de Maria p.02



Hortolinda

Folha de São Benedito

The image displays a musical score for the piece 'Hortolinda' from the 'Folha de São Benedito' collection. The score is written on six staves, each beginning with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The first staff includes a 2/4 time signature. The music is a single melodic line with various rhythmic patterns, including eighth and sixteenth notes, and rests. The notation is clear and legible, with some light blue ink smudges on the paper. At the bottom right of the sixth staff, there is a small '3X' marking.



Formem ! Formem !

Folia de São Benedito

The image displays a musical score for the piece "Formem ! Formem !" from the "Folia de São Benedito" collection. The score is written on four staves in treble clef, with a key signature of three sharps (F#, C#, G#) and a 2/4 time signature. The melody is characterized by eighth-note patterns and includes several triplet markings (indicated by the number '3' above the notes). The first staff begins with a treble clef, a key signature of three sharps, and a 2/4 time signature. The second staff continues the melody with triplet markings. The third staff features a repeat sign (double bar line with dots) and continues the melodic line. The fourth staff concludes the piece with a final triplet and a fermata-like flourish.

Mãe Maria

Folia de São Benedito



Partituras: Marcos Gérson M. Elisiário
Francisco Klinger Carvalho

ANEXO III
FOTOGRAFIAS DA FOLIA DE SÃO
BENEDITO



Imagem de um Puxirum.
Fotos: Carvalho, D. 2007.



Imagem do Primeiro Capitão com o Folião do Cavaquinho.
Fotos: Carvalho, D. 2003.



Imagem da Santa Pedra.
Foto: Carvalho, D. 2007.



Os Foliões dançando.
Fotos: Carvalho, D. 2003.



Os Foliões durante a Esmolação.
Fotos: Carvalho, D. 2003